

PONTOS FISIOLÓGICOS

Antônio Carlos Gonçalves da Cruz

PONTOS PHYSIOLÓGICOS

Da variação da criança, criação ou *ho-mem*, em varão.

Belo Horizonte, Minas Gerais, 2006.

C955p Cruz, Antônio Carlos Gonçalves da
Pontos fisiológicos: da variação da criança, criação ou ho-
mem, em varão / Antônio Carlos Gonçalves da Cruz. – Belo Horizonte: Instituto
Mineiro de Homeopatia, 2006.
69p.

1.Homeopatia. I. Título.

388.187

CDU 615.531

Índices para o Catálogo Sistemático:

1. Continuum: totalidade reativa como cone hermenêutico: 615.531
 2. Criança: enigma materialista do maternalismo: 615.531
 3. Dieta: emanação poética: 615.531
 4. Dynamis: temporização do Templo: 615.531
 5. Édipo: esfinge: 615.531
 6. Fraternidade: aporética pontuação da diversidade: 615.531
 7. Homem: pequenez revestida por horas: 615.531
 8. Intuição confusa: justificada razão: 615.531
 9. Temperança: emanação mítica do ponto do meio: 615.531
 10. Variação e medida da criação: Homem: 615.531
-

Dedicado aos *ho-mens* fraternos que, por moderação, se deixam reconduzir como crianças no dorido enfrentamento de mundo, que interrogam a realidade sem pânico e que valorizam o momento como *po-Etas*.

À Graça da vida que graceja com tudo a minha gratidão.

Momento

Presente, Senhora, crê, em todo instante,
em meu imo trabalha um ideal.
Sei que és deste ideal uma variante,
de vez que é suposto o original.

Quando perco a memória de momento
em que o ideal existe, me atormento.
Perdoa-me, Senhora, a demência
de ver o ideal em ti com insistência.

Ao escapar-me o instante o passado
ligeiro se insinua e triunfante
pela lembrança que me não esquece.

Traz de ti a saudade, apressado.
Quando é o futuro a sina é semelhante.
Vê que o instante nasce e, já, fenece.

Co-isa psíquica

Qual *co-isa* serpentina, porém neutra e respirável
que a semelhança engendra, enredando no momento,
o *p-si-quismo* é um *s-ente* que de modo memorável
resulta em circunstância de qualquer experimento.

A mente *ex-peri-ente* é como ser que a si se põe
e, assim, suposta, mente na mentira contingente.
Varia o psiquismo em virtude e, além, varões,
das porções sendo vara, como seu ingrediente.

Co-isa é *p-ai* e é mãe que multiplicam sentimento,
tornando o mundo abrigo da verdade de UM só.
Daí que a mentira encobre a mente em psiquismo.

Sendo *s-ente* o ser germana com embrutecimento,
se aferrando em elos que o conduzem para o pó.
Por isso, a dor é dada às premências do hedonismo.

“A quem vou comparar essa geração? Ela é como crianças sentadas nas praças, a desafiarem-se mutuamente.” Mt 11, 16.

Os discípulos perguntaram a Jesus: “Quem é o maior no Reino dos Céus?”. Ele chamou perto de si uma criança, colocou-a no meio deles e disse: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Aquele, portanto, que se tornar pequenino como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus. Mt 18, 1-4.

Pontos *physiológicos* é um canto hermenêutico de 555 quadras alexandrinas que versam sobre a criança, considerando a criança como representação da criação que propende ao varão.

A criança representa a criação, de vez que ambas são crias e, nesse sentido, a criação é como “criança” : criança, em *en-terro*, ou quintal, tomada por gigantismo.

A criança representa a *c-ria* fluindo serpentinamente no vário circunstancial. Atualizando a criação, o varão é pequeno (*mem*) e feito de tempo ou de horas (*ho*). Daí que o varão é *ho-mem*, de cuja vara dependem a medida, a justiça, mas a porcaria ou venereopatia ou, ainda, a falácia, a corrupção e a ditadura.

Ho-mem é a verga ou vara posta no campo distributivo da justiça ou da razão, também considerado guerra, como o menor ou pequeno feito de horas. O campo é emanativo: como força de campo que inclui a distância.

As horas, como os ângulos, são feitas de minutos e de segundos. De fato, a criação é diminuta e segunda. Miticamente elas vestem o Amor e se tornam cobertura do mundo.

Ho-mem é como Agamenon, também *H-men-on*, ou ser pequeno feito de horas. O chefe atrida do agregado é o homem guerreiro situado no mundo

em aprendizado de união. O mundo é o palco da sujeira em que a catarse purifica a ascensão da criatura em contexto dinâmico.

A dinâmica evolutiva manifesta o fluxo reverso do par oponente em um enredo circular que respira, admitindo ser representado por uma espiral figurativa. Caricatamente essa representação pode ser reduzida a uma atualização redonda da realidade. De fato, o mundo é "redondo", isto é, vermelho e enredante, como uma malha.

A *Dynamis*, então, pode ser simbolizada serpentinamente pela cobra ou cobertura. A cobra resulta no cifrão que pretende *de-cifrar* através do comércio mundano em que a fragmentação surge polimerizadamente. O comércio, enquanto uma suja tomação, se atualiza pelo meretrício e pelo fratricídio na indústria. É a representação da porcária que é a vida de porções. Tal o mosaico do agregado grego. A cobra atualiza a cabra e o bode, em expiação no mundo catártico. Hermeneuticamente, a indústria representa a tradição que reconduz o UM pela fraternidade do Três, como o Um fazendo o Três pelo Dois: in(Um suposto) – dus(dois) – tria(três).

Com neutralidade de Lei *industria* representa o duplo amor do Dois, tanto pelo Um quanto pelo Três, fazendo a curvatura do mundo: é industriosa e conversiva a dinâmica.

O diminuto caído no quintal divino reconduz a soberba suposta na queda. Naturalmente, a pequena cria reconduz a soberba pelo gigantismo. A cria criança deseja ser criação ou "criança". É representada pelo gigante Crisaor ou por Gerião, enantioticamente. Se Crisaor lembra criança, Gerião lembra velho, guerra e geração.

A oponência situa o par na criação que é, pois, tanto nova quanto velha. Assim a geração.

De vara ou criança o *ho-mem* se põe varão. Como varão ele tende a não mais se envergar. Negando a variação em sua natureza a criatura se endurece ou se empedra. O empedramento ou o endurecimento representam a doença crônica como uma disritmia dinâmica.

A criança atualiza a natureza vária, temporal ou dinâmica do *ho-mem*. De fato, a fase de maior e espontânea variação é a fase infantil na vida do varão. Essa fase é regida pelo timo, que lembra timão e o Timeu pitagórico, isto é, a emanação ou fluxo vital de dentro para fora, chamado saúde.

A criança é representada pelo Cinco. Ele diz da cria posta no quintal como quinto ou cantor. A quina também é um canto. É uma harmonia ou uma composição a criação, que se comporta como uma música. Revela-o a dinâmica oponente do Devir. Nessa base se apóia a conversão da cruel cantora, a Esfinge, que tem sido símbolo de perversão sexual, social e espiritual, em cantora crua ou infantil.

555 simboliza o Cinco posto no terreiro como terceiro mundano: cinco três vezes. Cinco é recondução da criação ou criança.

A linguagem dos mitos foi largamente usada, embora insuficientemente, porque o mito varia a geração como a varia a criança. O mito é a linguagem apropriada à revelação e à comunicação. É como a parábola. A contingência que respira o mito supõe a insuficiência. É que o mito é bastante: nem muito e nem pouco. Por isso, pode ser sempre atualizado, em extensão e em grau, sem deixar de ser o mesmo.

O mito é compreensivo e inclusivo, diversamente da explicação, que representa o endurecimento científico proclamado pelo rigor. A explicação deseja dominar a extensão e nega a inclusão do grau. A explicação esfria como o gigantismo da cria em Crisaor, que gera monstros pelo medo paranóico. A solução do medo se encontra no "me dou" do regime de vida que é representação do mito, que comunga. O mito inclui qualquer outro em todo "Eu", considerando o outro incluído no "Eu Sou". Essa inclusão é sonoramente reconhecida no mito como se o *outro*, ou "eu aí fora feito três", como eu também: "me too".

O mito está para a criança, como a criança está para a geração. O varão está para a dureza como a explicação está para a ciência. A explicação resulta em cobranças e em empedramentos dogmáticos. Assim os sistemas.

A variação infantil expõe a estrutura temporal de que é feita a diversidade racional por duplicação da intuição, que é suposta pela noção ou pelo *logos*. Valorizar a estrutura temporal da diversidade dinâmica é compreender a *Dynamis* na base formativa, como um tronco para a árvore. Daí a valorização da crise como manifestação do instinto animal que varia, como convém à *Phýsis*.

Miticamente, a variação ou estrutura temporal do universo pode ser vista pelo simbolismo infantil do Cinco através da variação das formas.

A superação interior que "vence" o gigantismo do pequeno compreende Jesus na descendência de David: da videira ou da vida. Jesus, como "Eu Sou", *Je suis* ou *Ho-mem*, realiza o *Mes-tre* na dinastia do pequeno que enfrenta o gigantismo matriarcal do mundo esfínteriano ou membranáceo, isto é, de superfície. É na superfície de campo que toda carga se maximiza. Assim podemos compreender que, com Jesus, no centro ou suposto profundo, todo fardo é leve.

Jesus é *Mes-tre* porque Se afirma em *continuum* como "Eu Sou" e interroga a circunstância, quando "a parte, através do "Quem dizem as multidões que sou eu?", variando-se a resposta na contingência composta da pedra que O reconhece, representativamente, como Cristo. Para a pedra, *Pedro-criança*, Ele teria que ser naturalmente representado como "Cristal". De certa forma, disto resultou a advertência aos discípulos, que mandou que a ninguém declarassem tal coisa, cominada "a afirmação de que o Filho do *ho-mem* deveria ser rejeitado pelos anciãos.

Jesus realiza a criação, realizando a criança, porque é *Mes-tre*: UM em *continuum*, ou Três tornável, bem assim, Três conversivo. Como *Dynamis*, Templo-temporariamente, Jesus é *Phýsis* em *continuum*. Ele atualiza a geração como *Logos* templário, transcendente, à direita do UM, e tempo de relação que duplica o *Logos* em relógio mundano. Eis que o relógio mundano tende ao repouso da serenidade se a motivação se insere "a direita da motivação da Luz.

A videira produz fruto agregado que simboliza a vida ou manifestação racional, que é animal. Por isso, a superioridade do regime para qualificar o ser na capacidade de superar o enfretamento sensivo e racional de mundo pela noção intuitiva. O regime supera o cifrão e a cobrança, que endurecem. A criança, que deve crescer para dentro, necessita de regime: não necessita de explicação que a decifre como uma iguaria. Assim é que entenderemos Eros

como energia de Amor que é criança se tornando e se convertendo, ferindo o fígado e, ainda, o mito de Prometeu em seu drama hepático.

A vida animal é de relação e fracionada. Ela representa a venereopatia da enganação ou ganância que engole, da tomação ou da *começão*. A relação, cuja base é sensiva, é reconduzida pelo atrito que produz calor fora e luz irradiante. Miticamente o drama do atrito é contado pelo drama dos atreus ou de Tróia. Se a terapêutica medicamentosa homeopática otimiza a cura da doença pela arte médica e se a doença se realiza na *venereopatia*, a terapêutica medicamentosa da similitude medica a vida animal, que é o que pode ser medido, como expressão do psiquismo.

A mente, impenetrável pelo hedonismo mundano, emana saúde. Pela evocação dietética, considerando o regime como dieta auxiliar da alma, a mente se esclarece por um processo semelhante ao trabalho de parto, regulado esfínterianamente e suposto pelo dolorido enfrentamento de mundo. Por isso se pode afirmar que saúde não entra. É dada a saúde e, como dada, ou divina, saúde somente pode sair. Daí que saúde se otimiza por desobstaculização do livre fluxo da vida, ou devir.

Valorizar a semelhança na base da medição *physiológica* do fenômeno e, portanto, da medicina e da filosofia, é como valorizar a Esfinge à direita da Lei em detrimento da contradição ou de Édipo. Essa ressignificação da Esfinge, que não deseja mais *fingir* e nem ser prolongamentos como dedos (*fingers*) da mão, mas que quer ser a mão em si, rerepresenta a inclusão que comunga e simplifica fraternalmente. A solução edipiana do enigma infantil não solucionou o drama tebano que, ao contrário, se agravou, como uma palição. O parricídio que se realiza no matriarcado se compraz na cegueira para o mundo sensivo que se conjuga com a intuição.

Pontos *physiológicos* cantam a estrutura esfínteriana do tempo na base da duração que manifesta o princípio vital. O esfínter temporal fala do momento ou do átimo primordial ou, ainda, da singularidade na vida. Por ele se dá o parto da consciência, necessário à humanização e solução da doença, com valorização vitalista da dor.

O autor.

- 1- Sobre o *ho-mem* dizem: todo é vate ou tolo
errando no caminho, atormentado,
dos versos que, em pouco de consolo,
temperam-lhe o destino de extrudado.
- 2- Cursando sua vida no terreiro
o *ho-mem* se liberta do atoleiro
em que se precipita, animal.
Errante, a Terra versa em seu quintal.
- 3- Por que o *ho-mem* é atormentado?
De vez que pelo tempo variado,
vão tempestuoso ou Três tornado,
por Cinco, aí se põe anjo quedado.
- 4- Caído da grandeza interior
o *ho-mem* se exila no exterior.
Terceiro, transtornando a intenção,
de Três em Cinco muda na extensão.
- 5- Metido no atoleiro o *ho-mem* é tolo,
por se haver perdido com o quinhão,
se chafurdando no esterqueiro e bolo
de porcos encontrou com essa opção.
- 6- A mente decaída na querência,
qual criação cruenta e cantante,
terceiriza o Um na quina infante
que faz o *ho-mem* criança na imanência.
- 7- A queda a mente em *mem-bros frag-menta*
no *mem-branoso* corpo envolvente.
Ho-mens são *mem-bros* no *um-bral* reluzente
que os *deslum-bra men-tirosamente*.
- 8- O externo em lamacentas margens beira,
que sujam o *Eu sou* imprevidente
em seu desejo de se ver crescente,
temporalmente a mente, tal porqueira.
- 9- Mancando pela queda no *ri-beiro*,
que é a circunstância corporal,
o atolado quer ser mais ligeiro
na sensação da vida racional.
- 10- Vertiginoso, em baixo projetado,
fenece o terço em quinto finado,
como Caim, de Abel enciumado,
parecendo Seth, *po-bre* coitado.

- 11- *Po-bre* é o aí posto membranáceo,
o diminuto *ho-mem*, feito crustáceo,
na crosta que agiganta seus intentos,
na Terra que o toma por rebento.
- 12- Por causa de herança o *ho-mem* partiu
e se feriu no furo de um funil.
Enfureceu-se em fera conjugal,
de Três em Cinco e a Sete, o marginal.
- 13- Às margens do entorno, no enredo,
o ser caído se tornou esférico,
volumoso em corpo periférico,
nas partes da extensão sofrendo medo.
- 14- A circunstância é feita de horas
e mede-se como Hemera, suposta
por Nix, grande mãe, que ela devora,
volvendo-a de volta mais composta.
- 15- Por isso, no enredo se atormenta
a invertida fera que fomenta
o lamaçal que umedece a caverna
em que se atola como Hidra de Lerna.
- 16- A extensão é neutra e variante,
da vastidão do mar ao simples ponto.
É Díade e traduz, forma mutante,
o Amor que o Três ao Um implica em ponte.
- 17- O UM e a Criação é Um, Díade e Três,
versando em Dois a Díade nesse conto.
É Dois Díade variando. Outra vez,
definindo o Três, supõe um ponto.
- 18- Se Díade vira Dois e Três é Dois
manifestando um ponto, simplesmente,
tudo que ao Três se segue e vem depois
é um par contraditório e oponente.
- 19- Dessarte é que se limpa no esterqueiro,
se o Três como mais velho é o cordeiro,
o decaído Cinco do quintal
que expressa a criação inicial.
- 20- Atento para essa dialética
é o natural amante da espiral
que evolui o que é *m-oral* em éticas,
supondo-a na *M-ente or-iginal*.

- 21- Se Três mais velho é, Cinco é criança.
Se Cinco é o rebanho, Três é zagal.
Assim não vai ao Um quem com infância
não se refina e se acanha afinal.
- 22- O enredo, que é um hábito encobrindo,
faz o *ho-mem po-Eta* de maneiras
porque com humor vai ele se traduzindo,
como carneiro ou lobo na estrumeira.
- 23- Para a criança o enredo é enorme,
de vez que bem pequena permanece.
Mas ao enfunar-se em Hélicon se tece
até que em Hipocrene se conforme.
- 24- Gigante, se renova em carne ou lama,
o *ho-mem Sete*, afunilado e fino.
Ferido pela inveja, feito Ino,
de Frixo e Hele, filhos de Atamas.
- 25- O criado encoberto, *ho-mem* tal,
além de tolo, profetiza mal
se Deus não Se dispõe em seu caminho,
fazendo-o ser *po-Eta* e adivinho.
- 26- O Pai, que em Dois se dá, faz Dioniso
do velho que comunga e adivinho.
De Noé enleva a idade pelo vinho,
e o infantil bacante fia a Niso.
- 27- Se há poesia há vinha na amnésia
convertendo o vate em Tirésias.
A saudade da quadra do Pai
é o vinho com que o *po-Eta* passa os ais.
- 28- Todo *ho-mem* é, além de *po-Eta*,
pois de nostalgia *en-teo- siasmado*,
mediador de vinha e algo de profeta,
por medicina magnetizado.
- 29- Quer esse medidor uma unidade,
que meça a massa e a variedade,
que seja regular e universal,
supostamente simples e geral.
- 30- Como quer esse *ho-mem* união
com a Lei que simplifique a medição
e o liberte das vascas da loucura,
da sina que na doença o enclausura!

- 31- Compreende o Um, então, em substância,
na causa inteligível do devir.
Identifica em verbo a inconstância
e enquadra a origem em seu porvir.
- 32- Assim versa o *po-Eta* a lembrança
da nostalgia que o fere e tortura,
guiado por memória da abastança
da casa de seu Pai, sua ventura.
- 33- Percebe que não há identidade
no mundo invertido e conversado
assimilando o outro em comunidade,
por semelhança agora reajustado.
- 34- Descobre o vate, de vertigem tonto,
que é tolice impor-se, como rei,
à manifestação do Um que é ponto,
de ínfima grandeza, mas que é Lei.
- 35- No vaso do olvido, sob o lodo,
faz da moderação justo ideal,
reverberando a proporção do Todo
em que se estabelece seu mancal.
- 36- O limo é como lama e o cofre
é vaso de aflição e de lamentos
que ao hedonismo aferra o que sofre
a sensação, que aterra seus talentos.
- 37- Qual médico socorre na doença
mediando, ou por sua filosofia,
ou ciência, ou também por uma crença,
ferido pela dor de sua porfia.
- 38- Com sua tolice atola-se na argila
da poesia que relembra Um Pai.
A Lei é Deus que põe aí, em ais,
o dado e no barro Se maquila.
- 39- Arte tradicionando é poema
a comportar as partes de um só globo.
Comunicando vence o que há de lobo
no coração, o *po-Eta*, com esse emblema.
- 40- Com a recordação que dói, da origem,
suscita-se o ideal em sua mente.
Daí que o inicial nasce de virgem
para esse que acusam de demente.

- 41- O principal conjuga em Todo a origem,
iniciando a diversidade.
É louco o medidor nessa vertigem
por ver no berço a mutabilidade?
- 42- A iniciação implica no conceito
de que arvorece a germinação,
fluindo o terreno pelo leito,
que leva o simples à composição.
- 43- Iniciado o verbo é um e vários
na emanção do efeito temporário,
que gera o par fraterno e contrário,
irradiando em fluxo diário.
- 44- O *ver-bo*, do princípio, duplicado,
é *ver* e *bo*, de olhar e de barulho,
que torna estrondoso o embrulho,
e se encorpa em *tri-bo*, encarnado.
- 45- Originando, o *arché* é cor e dor,
perpetuando o início renascente
em ciclos que revertem o oponente,
unindo a cor e a dor pelo Amor.
- 46- A cor serve a visão e o coração.
Re-cor-dando também serve a razão.
Quando *a-cor-da* estabelece união,
por *a-cor-des* instrumenta a audição.
- 47- Destarte a cor é som ensurdecidor,
de quem precisa ter ouvido atento
para escutar o aviso que é a dor,
que a mente acorda do adormecimento.
- 48- A cor para a visão e o som para o aviso
são fraternos, como Eco e Narciso.
Um, contra a visão, propende ao ouvido;
outro, sem escutar, cai em olvido.
- 49- A cor torna-se em dor, de um modo tal,
que é como a suposição oral
doando e se envolvendo em espiral,
dobrando-se em *ver-bo* universal.
- 50- O *ver* de intuição é abstração
que o *bo* em *bios* por *rédeas* manipula,
reverberando em *ex-touro* a emanção
que gera o diverso que pulula.

- 51- Por inversão compreende o rei vermelho e verde a primeira animação.
É rubra a *rédea* da *irradiação*,
que animaliza o ver de plantação.
- 52- É divertido ver esse mais velho dobrando-se em função de terça nova,
acalentando a vida em cada ova primordial no covoá de covas.
- 53- O que *irradia* é luz e também som do *enredo* circunstancial, que é *rádio* a moda ondeando, que assombra com o vermelho sangue e cruel gládio.
- 54- O *rádio*, que enreda e comunica, *trans-mite* por oralidade a voz e *arredonda* o *mito*, que implica, correio hermenêutico e veloz.
- 55- Pois sim, o *ver-bo* é verde e vermelho, multiplicando o que vem de seu seio, imaginando o mundo, qual espelho, a vida predizendo pelo meio.
- 56- Ao *ver-bo* o que dá poder de oráculo é a sua contradição temática, qual Prometeu, atado no pináculo, mostrando que é a *di-Eta* hepática.
- 57- O Cáucaso expõe prova dorida, condicionando a essencial *di-Eta*, para que o *ho-mem* melhore de vida, seja de louco, tolo ou de profeta.
- 58- O previdente filho de Japeto anuncia o aguilhão que ensina regime, que provê de abrigo e teto, curando de doença o que alucina.
- 59- O *po-Eta* pacífica o atrito, o lobo educando, como Orfeu, que se embaraça à moda de cabrito, pondo costumes qual um caduceu.
- 60- E o que sucede a esse educador?
A tradição também o torna em bode, porém expiatório e acolhedor do peso com que o humano nunca pode.

- 61- Sob voraz assédio de abutre
o fígado titã se reconduz
porque de Amor ao *ho-mem* ele se nutre,
levando o figadal contrário à luz.
- 62- Duplica-se de Eta o desenho
que enleva a força hercúlea ao sublime,
retemperando ao fogo o empenho
de quem se submete ao regime.
- 63- Alcides, demonstrando violência,
descarna-se vestido de centauro
na pira que a moderação restaura,
curando-se da *hybris*: sua demência.
- 64- Se o destino quis ferir Quirão,
quis que Quirão da dor se libertasse,
usando para isso a mesma mão
que ata e desata o doído impasse.
- 65- Feriu-o Hércules em acidente.
O herói que fez de Hebe sua consorte
Prometeu livrou de peso ingente,
para abençoar Quirão com a morte.
- 66- Dessarte é que do Cáucaso vem luz,
para a caverna que o Pélion habita.
Com a *di-Eta* Prometeu sagita
Quirão, que a sagitário se conduz.
- 67- Essa história do regime conta
a prevalência da moderação
sobre a farmácia, que fascina e encanta,
sobre os poderes, pois, da sensação.
- 68- Por que a *di-Eta* sobre a sensação?
De vez que é metade hominal
o centauro recobra a intuição
evoluindo a vida racional.
- 69- Navegando, a razão com inocência
no mundo reconhece a comunhão,
liberta da hipnose a consciência,
conjugando as partes com união.
- 70- Destemperando a cólera a razão,
que precipita a mente em duração,
faz Odisseu astuto na solércia,
agregando a dispersão em Grécia.

- 71- Engana com brutalidade a cólera,
que pede ordenação emocional.
Por isso Atena amansa Megera,
proporcionando abstração visual.
- 72- A intelectual visão ainda *de-cor-a*,
o *cor* e o tom da alma original,
atualizando Prometeu, agora,
naquele que prevê o feito final.
- 73- Trinta milênios de dor sofreria
esse solerte filho de Climene
não fosse a gesta que o alforriaria,
do destemido fruto de Alcmena.
- 74- Variando a mesma suposição,
em Prometeu, Héracles ou Quirão,
deseja a vida realizar a ação
na contingência de qualquer reação.
- 75- O vermelho **enredo** e *de-corado*
circula verbal e **redondamente**,
manifestando a coisa reagentes
sob o mandato do Monarca dado.
- 76- Porque o mundo é *de-coração*,
a sensação é móvel conversão.
O mundo versa a tradição da história
já que do **enredo** o álveo é memória.
- 77- O mundo é um *cor-ação* de dor
atualizando as dimensões do Amor
que, conversivo, é contradito em si,
variando tudo para reunir.
- 78- A imundície o coração depura,
recolocando a possibilidade,
reconduzindo a *co-isa* da amargura,
do fratricídio à fraternidade.
- 79- E a quê parece essa depuração?
Ela assimila e torna a sujidade.
Preciso é que se “entre na cidade”,
sofrendo o sujo por moderação.
- 80- Cidade é o tempo em derredor versando,
fragmentando o Um sensivamente.
Se os Evos partem, o Um contrariando,
também reúnem tudo, simplesmente.

- 81- O cadmeu que em Tebas foi fiasco,
focou, de novo, o “drama da cidade”,
mais tarde lembrado em Damasco,
de cara tradição da cristandade.
- 82- Recalcitrou mancando ante o aguilhão
o moço de Corinto e, com o bastão,
prostrou seu próprio pai na encruzilhada,
indo reinar com a mãe desavisada.
- 83- O parricida Édipo venceu
a Esfinge que matava a juventude,
qual crônica moléstia que ilude,
cegando-se a si mesmo, o cadmeu.
- 84- Não viu a própria mãe o alucinado
e conjugou-se em matriarcado
no labdáceo incesto que, qual lodo,
enferma e degenera o mundo todo.
- 85- Assim é a vitória fratricida
que serve a força bruta e amassa,
dilacerando a malha, que trucidada,
que amealha o tempo da devassa.
- 86- Se a dor não alumia vem doença:
ela é a dor que fica e que não passa,
considerada crônica por crença,
subordinando a claridade à massa.
- 87- Madeirizando, Édipo não viu
a repressão da Esfinge que agravou
o mal tebano. E lúgubre covil,
venereopata, vil, se demonstrou.
- 88- Lobos, uns contra outros, homicidas,
dilaceravam-se e a esperança
dizimavam, os pobres fratricidas,
até que a dor mostrou-lhes temperança.
- 89- Cobria a cegueira a continência
avermelhada do obscuro *enredo*
levando ao rei a luz da consciência
para, por si, o mal medir, sem medo.
- 90- Cegou-se logo o filho exilado,
ao medo e ao monstro então assimilando,
compreendendo o verso, o outro lado,
com mais visão agora enxergando.

- 91- Fraternal se tornou o excomungado
amante de poder sobre a usura,
buscando, mediante outro reinado
com a suposição, sua formosura.
- 92- Édipo na Atenas de Teseu,
cego, pousou tragado pela terra.
Supondo o oponente percebeu
que estão na superfície a morte e a guerra.
- 93- Por isso, em Colono das Eumênides,
o polidoro anteviu Parmênides,
compreendendo a imutabilidade
e a ilusão da materialidade.
- 94- Enquanto rei de Tebas, infantil,
reinava o reinado matriarcal,
combatendo o monstro infernal
na ilusão do vício pueril.
- 95- *Te-bas* que é o reinado do quinhão
traduz a infância ou Cinco animal.
O sim com o enredo é o Cinco no quintal
que faz ou o corpo ou o Três da comunhão.
- 96- A Esfinge, em irrefletida atitude,
interrogava de sua montanha,
confundindo a quina com a artimanha
indecifrável para a juventude.
- 97- Não se resolve o enigma infantil
racionalizando-se a memória.
Mutante é a razão, conforme a história:
é vária a razão, por mais sutil.
- 98- O enigma o outro vê sem confiança
pela razão que o anima e o embaraço
é indecifrável, levando ao fracasso
velho, cambaio, jovem ou criança.
- 99- Como o velo de ouro é um mistério
que salva Frixo e Hele torna ao mar,
porque vindo de Hermes, meia o par,
supondo da abundância o ministério.
- 100- O manco, apoiado em seu cajado,
à sua vez por Fix indagado,
sentiu-se no enigma enredado
e por própria memória iluminado.

- 101- O resultado dessa evocação
levou ao Fíquion desocupação.
Caiu a Esfinge em caos e, triunfal,
o polidoro fez-se rei carnal.
- 102- Partindo de Corinto por cavalos
de Pólipo encontrar, extraviados,
o coxo, que era filho adotado,
ainda era criança de regalos.
- 103- Erotizado, o infantil cambaio
matou no trívio o rei de *Te-bas* Laio.
Sem saber que era seu pai o morto,
continuou em seu caminho torto.
- 104- Errando o Cinco pela imensidão,
que é a baía em que manqueja incerto.
qual Saulo, ele balança no deserto,
qual Ocno, no Hades de Plutão.
- 105- Na forma de cavalo a transição
opera seu trabalho em transformismo.
Do ponto é feita vinho ou dinamismo
da *en-teo-siasmada* mutação.
- 106- Ártemis o corcel transmuda em corça,
em Ifigênia, ou temporário efeito,
porque alma o põnei é, motor que força
o coxo a caminhar com seu defeito.
- 107- Mesmo com “joelhos desconjuntados”,
ou até com o “fêmur deslocado”,
que é o que a falácia proporciona,
combate a justa o manco, que raciona.
- 108- No leito do devir é montaria
o potro, que em mar, Pontos, varia.
Em formas contingentes versifica
o que supostamente simplifica.
- 109- Pois sim, corcel é *hipo* nessa história
dinamizando o fluxo oponente,
seja levando o grego em seu ventre
ou coiceando o monte na memória.
- 110- O coice na memória fez a fonte
e Hélicon recuperou-se monte.
Nascido de Medusa, o tempo apura
Pégaso ou *Dynamis* da envoltura.

- 111- Tal montaria, como monte ou hora,
o potro representa o Amor ou arte
figurando a lira na demora
com que a extensão endurece a parte.
- 112- No caso da partilha o duro empedra,
modificando o mole da criança,
que é mola propulsora ou esperança,
supondo Hipólito e o pesar de Fedra.
- 113- *Hipó-lito* é “cavalo sob pedra”,
candura que supõe o peso da fera,
levando à dureza, onde não medra,
Amor infante, o Cinco da esfera.
- 114- Variando Ártemis potro é pureza
da força que brota na Natureza.
Representa o foco da inteireza
que enleva o peso por sua leveza.
- 115- Transportando a Noite ou ao Sol servindo,
ou gerando Quirão, Crono cobrindo,
a montaria é figurativa
nas coisas infantis, postas nativas.
- 116- A realidade é uma interrogação:
o enredo desde o ponto a dispor ?
Quirão do *cor* é uma decoração,
é põnei inquiridor, volvo de Amor.
- 117- Essa contradição o ponto confunde,
equiparando o par por semelhança,
ponto ou pomo de Éris que é esperança
com que a variação o Dois transfunde.
- 118- Implica o ponto de interrogação,
pedido infantil do incipiente.
À ocasião de comunicação
inquire a querência insciente.
- 119- A pergunta se dirige à mão
e atualiza os dedos da extensão.
É vária a resposta claudicante
que troça e engana o manco ignorante.
- 120- Há também resposta de antemão:
O *Po-ente* que em mão Se representa.
É o *Mes-tre* que pontua e densedenta
a sede de tomar opinião.

- 121- A tomação engana com lição,
como o queixume é paliado em vão.
O que faz de porção uma porca imensa
de lobo faz lição nessa licença.
- 122- O *Mes-tre* é dado graciosamente.
Não há lugar que situá-lo possa.
Antes do tempo e do espaço é presente,
por isso o velho sempre se remoça.
- 123- Futuro e passado, assim a distância,
resolvem-se em presente, apontando.
O *Mes-tre*, havendo em tudo, é a instância
do presidente Um, o Três amando.
- 124- O ponto é desprezível ao exterior,
mas reina no interno superior.
Não falta o ponto a toda contingência.
Não há no ponto a menor indigência.
- 125- Gigante para dentro, para fora
pequeno, o potro ponto dinamiza
o Um que é suposto, em semelhança,
reconduzindo-se em terna criança.
- 126- O gigante pequeno e contingente
substancialmente é como um poro,
nascendo pelo furo que o põe Hórus,
de Anaximandro o *apeiron po-ente*.
- 127- O *apeiron* que põe faz diferente
definindo toda a semelhança.
A emanção *po-ente* é criança
ou criação. É Pã que Peter *s-ente*.
- 128- Tal a simbologia do *pão-terra*,
da Terra do Nunca em que se encerra
toda utopia, pois é ilusão
o lúdico par da interrogação.
- 129- Deméter, Terra ou Amor se traduzindo,
revela os segredos que a semente
secunda para ser Pã e pão do *s-ente*
que é Peter serpentino se iludindo.
- 130- Perdida porque Core decaiu
em cores de Íris que é a mensageira,
ou *arché* da aliança com a trigueira,
Deméter é mãe Tétis, pão servil.

- 131- Como é possível essa viração?
O mar ou Pontos é a comunhão
que manifesta a mesma presidência
não importa o que assimile a aparência.
- 132- Tétis, Anfitrite ou mesmo a Foca
são dores de Deméter variáveis.
De Dóris as nereidas transmutáveis
são a variação que o Templo enfoca.
- 133- O animal, a pedra, a água ou a verga
em que o mar ou Pontos se transforma
é a animação com que a criança alberga
a possibilidade da reforma.
- 134- Criança Ceres é realização
do rapto de Anfitrite, que em Tritão
variou o trigo na a alimentação,
mudando em peixe o símbolo do pão.
- 135- A criança, que aceita comunhão,
acolhe o *Mes-tre* na educação.
Não é como o gigante empedernido,
por dente semeado e definido.
- 136- Esse infantil mistério, o labdáceo
somente viu depois do membranáceo
reinado em que, entregue à contingência,
assimilou a Esfinge à sua essência.
- 137- Cruel é o medo que a pedra impinge,
cessando a central emanção.
Indefinida, a inquiridora Esfinge
figura a infantil interrogação.
- 138- Ao enigma proposto infantilmente
o cadmeu opôs identidade.
Cegado para a similaridade
o incestuoso agiu tiranamente.
- 139- Ignorando o drama de Fineu
diante da iguaria comensal,
as Hárpias olvidando, o nicteu
buscou na igualdade seu fanal.
- 140- Violentando a singularidade,
a que se opõe a força fraticida,
Édipo, hedonista e parricida,
negou à Fix hospitalidade.

- 141- Deixando de acolher a hostilidade
evoca o drama da pederastia
que fez Crisipo, por lubricidade
de Laio, envergonhar sua dinastia.
- 142- Crisipo é como a crise que aflora,
criança que promana, singular.
Feita gigante é Crisaor. Nessa hora
a toma o varão para seu par.
- 143- Pede a crise acolhida à medição,
à ciência, à poesia e religião.
A infância traz consigo a instrução
que sempre legitima a viração.
- 144- Tratar com igualdade a esperança
é o mesmo que enganar-se com Sereias.
O enredo manifesta a semelhança
medida pelo oculto que a permeia.
- 145- A manifestação do Um possível
varia contingentemente o Três.
O Cinco pelo Três é dirigível,
se atualizando em Nove outra vez.
- 146- Se como Sete o Cinco se remonta
o crescimento é para o exterior.
Mas se a criança é o grande Crisaor
é para dentro que ele se demonstra.
- 147- Julga a visão sensiva um terror
o desenvolvimento interior.
Seus olhos, no *enredo* avermelhados,
divisam fragmentos espalhados.
- 148- A dispersão na membranácea esfera
é a vitória olímpica de Hera,
que reconduz o tempo transtornado,
no Tártaro profundo aprisionado.
- 149- Do Tártaro suposto permanece
a intenção de Crono sobre a Terra.
Seus filhos ele come pela guerra.
Tudo com o tempo passa e fenece.
- 150- Se Zeus Urano é reconduzido
e a Crono se apresenta sob o linho,
transfigurado em pedra do caminho,
é que entre linhas o Um é envolvido.

- 151- Tudo que o tempo toma é devolvido,
de outra forma em lenho revestido.
Representa a pedra a duração
e o lenho a envolvente emanção.
- 152- O que emana é *mem-bro* projetado
no membranáceo enleio enredado.
Dátilos, Curetes e Hecatonquíriões,
são, como Coribantes, feitos Quírião.
- 153- Zeus, para reconduzir o Um,
forjou com eles uma aliança.
O vário *mem-bro*, hábil, tal criança,
misterioso, é Pã ou todo mundo.
- 154- A *Es-finge* é como um dedo da mão:
feito quirodáctilo, indicação.
Aguarda acolhida, compreensão,
não pede tratamento com cifrão.
- 155- Enigma a decifrar é meretrício:
resulta em tomação explicativa.
Equivale à onda e ao vício
que são a superfície emanativa.
- 156- Por muito que se cresça para fora,
o gigantismo nunca alcança a hora
de se satisfazer nessa intenção.
É mínima a composta extensão.
- 157- Somente a fuga da concentração
se explica, desdobrando a ilusão.
O mundo, mede o *ho-mem* por conceito,
pois sensitivamente é imperfeito.
- 158- O acolhimento da criança pede
suposição pelo regime. Cede
o infantil a gana de enganar.
Não há que o fingimento decifrar.
- 159- Se Ganimedes veio a escanção,
para servir na olímpica mansão,
o foi para livrar-se da ganância
de ser mais belo na beligerância.
- 160- É uma ilusão o medo na extensão.
Ele é vencido com disposição.
Dispondo-se o ser aí se põe
em comunhão paterna que compõe.

- 161- O medo é o material reinado
no enredo membranáceo e atormentado.
Resulta de uma tomação externa
que dificulta a comunhão fraterna.
- 162- A tomação que relaciona a vida
é crônica venereopatia.
No meretrício todo parricida
não abre mão de si, pela empatia.
- 163- O *po-bre* cadmeu enriquecia
com a busca animal que lhe valia
postar-se como um Eu no mundo ou *C-Io*,
como Plutão, um Eu redondo, ou *R-Io*.
- 164- Dessarte um *r-io su-jo* Aquiles vale,
o mesmo que um Eu na circunstância.
Atualizando a água se equivale
a Aquelóo e ao corno da abundância.
- 165- A cornucópia da iguaria é o drama
que no mundo é um mito industrial.
A auto-suficiência é um programa
que revigora o bem suposto ao mal.
- 166- A criatura Aquiles nunca alcança:
é como o amor de Alfeu por Aretusa.
Dissociado por guerreira dança,
empedra a duração feito Medusa.
- 167- Crer preciso é e ter esperança
na potência de qualquer criança,
em seu conceito, que equivale ao ponto,
para que o velho não se ponha tonto.
- 168- Muda o infantil *potentemente*
e tal é seu poder de *equi-valência*.
Esse poder inclui a *pré-potência*:
é o cavalo a *Dynamis* imanente.
- 169- Com seu poder marinho e variante
a filha de Equidna cai do monte.
Sujeita à tirania, tal Creonte,
no jogo incestuoso segue adiante.
- 170- A *Es-finge*, que excluiu comercialmente,
não a houve o cambaio por cavalos.
Perdido, procurando resgata-los,
não percebeu que o *mem-bro*, o coxo, *men-te*.

- 171- O vário dinamismo repudia
a repressão, que é superficial.
Massificada, tornada geral,
a *Es-finge* no suposto refugia.
- 172- Volta ao mundo o ex-fingido antigo,
para a carne neutra onde mentia.
Renasce, qual criança, em corpo amigo,
segundo a semelhante Homeopatia.
- 173- Dificultar que cada um se ponha,
negando-lhe o parto da consciência,
é o mesmo que negar a providência
que faz com que o infante o mal transponha.
- 174- É mal perder a originalidade
que é o *arché* da vida fraternal.
Crê a criação criança em um final
em que a vida funde as idades.
- 175- Quando o mais velho nega ao mais moço
direito a par na primogenitura,
o que acontece é uma descompostura,
precipitando o Três em fundo poço.
- 176- A guerra da venereopatia
supõe-na a *Guera* da Homeopatia.
Somente a semelhança une a oponência
suposta pela luz da consciência.
- 177- Impondo-se à Sereia infantil
o polidoro manco e viril
reconduziu o trívio hedonista
ao reino de Tebas, materialista.
- 178- A discriminação contra o infante
que o mais velho impõe pela distância
e que reduz o outro na importância
é o verdadeiro incesto jactante.
- 179- Mais tarde a *Es-finge* reapareceu
ante o paranóico cadmeu
como a peste do tebano povo,
desdobrando o que antes foi, de novo.
- 180- Paranóico é o que em si o *Mes-tre* nega
abraçando o endurecimento.
É o que insiste em ter conhecimento,
por moda emulando a refrega.

- 181- Violentando o enredo semelhante
posterga o acolhimento, o parricida.
Daí que a consequência resultante
é a crônica doença em sua vida.
- 182- Impor uma resposta a uma questão
é como agarrar um ponto a mão.
É o que houve entre Tétis e Peleu
que entre a *Es-finge* e Édipo ocorreu.
- 183- É perdoável na criança o incesto,
tal o que originou a Fix infante.
É neutra a relação no manifesto
mundo governado pelo instante.
- 184- Então a duração do erotismo,
que quer sentir o mundo membranáceo,
traduz o equivocado hedonismo
do incestuoso manco labdáceo.
- 185- Quando Édipo recuperou a mente
livrou-se da cegueira de seu trono.
E as Erínias, tidas como Eumênides,
a alma serenaram-lhe em Colono.
- 186- Na cidade foi tirano o coxo
que nela entrou discriminando a infância.
A peste, por Amor da circunstância,
despertou-lhe a mente e o fez mocho.
- 187- Fez *po-Eta* o manco, esse regime,
que pela dor dispôs fraternidade.
Paulo o atualizou em dor sublime,
sofrendo por Amor numa cidade.
- 188- Versando, pois, o *ho-mem* é maestro,
regendo a conjunção, a harmonia,
pelos caminhos ébrios de seu estro,
guiado pelo amor à sintonia.
- 189- *Po-Eta* é todo *ho-mem* e medidor,
em busca da visão interior,
que faz do mundo sua apresentação,
que faz fluir a vida em comunhão.
- 190- Declama um vate tal a inspiração
da monarquia, que é irresistível,
conceituando a suposição
de mundo que na Lei é indivisível.

- 191- Tange a lira o *ho-mem* medicando,
amando o meio que se contraria,
porque o Amor se curva, duplicando,
vaticinando as dobras da hamartia.
- 192- Governa o Amor o enredo conversivo,
dia-logando-o, pois o traz imerso,
tornando o *po-Eta* discursivo
de seu próprio regime, de seu verso.
- 193- O verso do *po-Eta* é o cetro
com que se contraria o Amor,
que mede o diverso em justo metro,
desse lirismo vário e enganador.
- 194- Funde o *po-Eta* amor e poesia,
versando a dor da sua nostalgia,
clamando, na saudade que o guia,
saúde advinda da monarquia.
- 195- Contrariado em si, une contrários,
o Amor que ata e desata, em reverso
e, assim, no dualismo adversário,
diversifica em vário o universo.
- 196- Perdoando, o Amor suporta a onda dos mundos
que são *ter-ceiros*, diversificados,
multiplicando em Três o Um dos dados,
se dando em *Ter-ra* como lar de imundos.
- 197- Conjugando passado e futuro,
pelo contrário momento presente,
o Amor o pretérito pressente,
reconduzindo o preterido impuro.
- 198- Jazendo em um monturo, *en-ter- rado*,
o sujo exilado acolhe o Amor,
re-logicando o seu sombrio fado,
se contraindo, o Amor, em cor e em dor.
- 199- A história, de amar, então, se anima
na *tra-di-ção* nascente, que inova.
Perdoando o passado, o Amor renova
em *ou-tra* cor a dor que a encima.
- 200- *Re-logicando* o Amor é o momento,
pontual instante do *logos* presente,
que pacifica todo sofrimento,
contrariando a sensação dormente.

- 201- Perdoando o passado e ainda se dando
ama o presente e ainda presente,
supondo a realidade e emanando
a duração do futuro da gente.
- 202- Assim insta o momento *e-ter-namente*,
supondo o que passa em moderação.
O tempo enquadrando em *di-mensão*
o meio, amando, vai dobrando a mente.
- 203- Que é a mente assim desdobrada?
Tempo e *ma-tér-ia* a trazem bipartida?
Por isso, se ouve: a dança é meada,
compartilhada, a dança é dividida.
- 204- Ela é o tempo, também é a madeira,
como a dançante Atena tecedeira.
Se a realidade rima e compassa,
real é o *po-Eta* no reino da massa.
- 205- Incisa em Afrodite Atena exala
odores que o *a-tri-to* exagera.
O odor, que em dor e cor se assinala,
converte-se desde a primeira era.
- 206- A transação que a relação fraciona,
impondo um *nú-mero* à suposição,
fragmenta em meros o Um e condiciona
os mundos em polimerização.
- 207- O Amor a origem, então, conjuga em pares,
e a dor, ou cor, inverte-se em odor,
sinal que, em Lemnos, mulheres e os ares
marcou com o afrodisíaco rancor.
- 208- O amor partido daquelas senhoras
gerou os mundos com o total dos fatos.
A relação cobrindo-se com as horas,
originou a sensação do olfato.
- 209- Esta roupagem da espumarada
vestiu a onda falaz, ensangüentada,
com que Urano, por Crono mutilado,
semeou a cor do *en-red-o* avermelhado.
- 210- Vestida de horas Afrodite foi
a adolescente Europa, que partiu
ferindo Sídon quando a era surgiu,
se arrebatando à carne por um boi.

- 211- A relação taurina de olfação
des-orientou a vida de então,
e como estonteante labirinto,
ao corpo *ocidental* levou o instinto.
- 212- A filha de Agenor, o rei fenício,
partiu o Um com o Amor, em benefício
da agregação, que Tiro arvorou
e em Creta e Tebas se alicerçou.
- 213- A emanção, de Tiro projetada,
canta o agregado, que reúne o Amor,
pela fissura que cinde Agenor,
partindo o Um em frações dispersadas.
- 214- O velamento, em tons descortinado,
compôs e revelou o Um em hinos,
sonorizando acordes palatinos,
nasalando Tiro: o Um ressonado.
- 215- O Um criando o mundo Se escondeu.
Fez todo o efeito por *for-ça* quadrada.
Europa e dois irmãos mais Cadmeu
são os *for-tes* virtuais dessa *for-nada*.
- 216- Os quatro elementos virtuais,
qual a água, ou o ar, ou o fogo, ou ainda a terra
variam as virtudes cardinais,
viris varões *in-dus-tri-ando* a guerra.
- 217- A guerra fragmenta a porção
do corpo agregado, *in-dus-tri-al*,
impondo o *mere-trí-cio* e a *toma-ção*
pela enganação *co-mer-cial*.
- 218- A explosão que pôs aí o *es-touro*,
a carne ou *bo-i* atirou à distância,
brilhando Europa e o divino touro,
rompendo Agenor na circunstância.
- 219- Conforme Heráclito, o chorão, dissera:
a guerra é o pai das coisas desse mundo.
De Tiro e *es-touro* a divisão se dera,
fragmentando o *ter-ço* moribundo.
- 220- As frações divisadas são *Qui-meras*
que encobrem o arremesso do enredo.
São meros tomos que o Templo esmera
na esperança de inverter o medo.

- 221- E que é Quimera senão uma Medusa,
Belerofonte fundindo em Perseu?
Não é Quimera, ainda, uma Empusa
inquirindo o manco cadmeu?
- 222-Por meio de medo empedra a Medusa,
endurando o enleio universal,
pois sem noção, sem a ciência infusa,
irrefletida é força irracional.
- 223-Medo e moda empedram a duração,
mediando a mudança estonteante,
por culpa que limita a noção
no encadeamento circunstante.
- 224-Empedra a endureção a dor em doença,
dobrando a doação em cupidez,
fazendo o Amor, nessa guerreira dança,
também se desdobrar por sua vez.
- 225-Por isso é que o *po-Eta* não se cansa
de declamar em poemas a pujança
da nostalgia, ou dor de consciência,
que impele o vate à auto-suficiência.
- 226-Do endoidecimento, que é doença,
o dolorido dança a conversão,
se norteando, crente, pela crença
de que, doído, alcança a doação.
- 227-De doido a doído e à doação,
o vate faz na dança sua canção
e aprende com Atena intuição
da inocência, fonte da inversão.
- 228-O *po-Eta*, se doando, não descansa
de combater no trívio e o mal amansa,
encruzilhando-se em seus desenganos,
buscando por seu Pai consome os anos.
- 229- O tempo se desdobra, pois é Templo,
focando a consciência que dispõe
a animação do Amor, que o contempla,
compondo o Um que no mundo Se põe.
- 230-Se Três é a criação, *fra-ção*, ou enredo,
compondo o *fra-tri-cídio*, que encerra,
a circunstância é Três, quintal ou *ter-ra*,
em que a *Qui-mera* reina pelo medo.

- 231- A divisão que cobre é *ter-ceira*
hora de aflição e de cegueira
em que a paralisia e o aleijão
vestem de sombra a dor da emanção.
- 232- O Três, como criança, é segundo,
como o Todo é Dois, Cinco noviço.
Ao se agigantar, partindo o mundo,
figura o Sete e o Nove movediço.
- 233- O Cinco que em Sete trucidado
inquire sem mear-se, mas ao meio,
varia, tal semente, e em seu seio,
reflete-se partido, amontoado.
- 234- O Dois versa o Um em Três por um roteiro:
reflete o fluxo da interrogação.
Une ou separa como a intenção
suposta no imo do feito terceiro.
- 235- Do Dois o Oráculo é apresentação:
neutro na afirmação, ou negação.
Ao morto parte a herança, em doação,
proporcionando ao vivo compreensão.
- 236- O Dois na Terra também se renova,
fazendo o Seis e o Oito imanentes.
Se o Seis ao Sete vai, o Oito ao Nove
reconduz o Sete imprevidente.
- 237- O Dois reflete o Um como o Amor,
em representação de Três cordeiro.
Se Três se torna em Sete no terreiro,
o Amor repõe o Um ordenador.
- 238- O Dois é como Três, se há comunhão;
se em Seis reconduzido, há dispersão.
O Três tornado Sete é um disperso
que erra em hedonismo submerso.
- 239- O Três se agigantando no esterqueiro
do imanente ponto, em que é infante,
para tornar-se belo, triunfante,
em Cinco manifesta-se, matreiro.
- 240- Na rota em que o Três faz o varão
o indefinido Amor da viração,
de Díade, a *Dynamis* em virtude,
ou Quatro, muda sua atitude.

- 241- Para educar o Sete o neutro Amor
em ondas manifesta o Oito e a dor.
Fazendo o Nove o Oito, feito hora,
repensa o Sete pelo mundo afora.
- 242- Se em direção ao Sete o Cinco cresce,
se transformando em magnata vário,
se convertendo em Nove ele decresce
porque o Amor que acorda é contrário.
- 243- Pela contradição o Sete renasce
e ganha em Nove renovada face.
A oitava realiza a Boa Nova
se a ordenação do Amor o Três comprova.
- 244- Trabalha o dinamismo a inversão
seja do Três, do Cinco, Sete ou Nove.
A reversão permite que se move
o par que se apresenta por razão.
- 245- A inversão do par, do interior,
faz do pequeno grande para fora
ou do gigante mínimo, embora
a ordenação presida o exterior.
- 246- Manifesta o Três a Imanência,
reconduzindo a Díade e o Um.
Como Dois, do par é presidência,
assim como do ímpar é comum.
- 247- O Três é *Mes-tre* para a comunhão
seja do Amor ou da Ordenação.
Representa a mesa original,
medida, pão ou peixe ao comensal.
- 248- Se para o simpósio com o Senhor
o assento em Sua mesa é permanente,
para pacificar a sua mente
o *ter-ço* se dispõe com *verbo* e dor.
- 249- O *verbo* é o *cor* na carne, tal volume,
ou *cu-bo* que é matéria envolvente.
Matéria que aí põe, doridamente,
o Três em *tri-bo* ou guerra de consumo.
- 250- O fratricídio, que toma e *ar-re-benta*,
fragmenta em *der-re-dor* o corpo
desdobrando a dor, porque é torpe,
até a doença que aflige e atormenta.

- 251-A guerra fratricida é a de Tróia
que avolumou em partes agregadas,
por causa de uma olímpica tramóia,
as divisões na *ter-ra* erotizadas.
- 252-Afrodite e Ártemis, também Hera,
que variavam as feições da Terra
disputaram o brilho de mais bela:
beligerante causa de procela.
- 253- O pomo da discórdia original
coube a Afrodite, em decisão de Páris,
que seqüestrou Helena a Menelau
levando *Aga-men-on* a unir seus pares.
- 254- Solerte Ulisses atou com palestra
o agregado, inspirado em Helena,
que fez história em Tróia e em Micenas,
do par *Aga-men-on* e Clitemnestra.
- 255- O Olimpo decidira pela guerra
porque o Sete povoava a Terra
fazendo aparecer em dois lugares
a grecidade amante do deus Ares.
- 256- Em um a agregação à *noûs* se dera
e que Atena, enfim, politizou.
No outro, que imperou em nova era,
um magno agregado se formou.
- 257- O drama da maçã, também de Eva,
assinalou a marca de Pandora,
que trouxe esperança até à *tre-va*,
tornando a ordenação do mundo a hora.
- 258- Pandora é o tempo da espera
manifestando o símbolo de Hera.
Zelosa da conjugação perfeita,
Hera não foi de Páris a eleita.
- 259- Deusa do matrimônio também era
quem protegia os trabalhos nos partos,
e ao infiel esposo, tal Megera,
atormentava em seus amores fartos.
- 260- Se Afrodite é a *ter-ra* em erotismo,
Hera é a *ter-ra* em contradição,
é a matriarca pelo gigantismo,
manifestando o Três na emanção.

- 261- O Três na erupção é como o verde
que manifesta a *ter-ra* se animando:
a germinal semente que se perde
a si, se reconduz se arvorando.
- 262- O **trio** que **triunfa** em intemperança
contribuindo com a era **tribal**
emana o gigante **industrial**
da paranóia que serve a esperança.
- 263- Partida na desordem inicial,
determinada por suposição,
a **terra** expôs a **treva** da fração
ao lado de seu par fundamental.
- 264- É esse par o Eros da paixão
que fere o fígado e o coração
na incontidência que enreda o desejo,
nascido, como a *ter-ra*, de um despejo.
- 265- Sem pejo na nudez da incontidência
Eros que cresce é louro infantil,
que no enredo dardos, sem clemência,
atira até prostrar o mais viril.
- 266- Desarticula os membros dos varões
tal criatura e, por pura crueza,
tinge de sangue toda a Natureza,
deteriorando o Amor em dimensões.
- 267- Privado de um pai, nessa dieta,
encanta com a paixão o louro sagaz.
Trazendo o encanto em seu rubro carcás
segue ferindo o mundo pela seta.
- 268- A *s-eta* indica o modo pela doba
que o embaraça serpentinamente.
Através do engano Eros se afoba,
pressuroso, em alvejar a gente.
- 269- Na aljava erótica adormece o dardo
enquanto aguarda o entesamento cárneo
que estabelece o meretrício e escárnio,
pesando a vida em volumoso fardo.
- 270- Dessa arte de entesar Eros **atrita**
em cobertura a **tri-bo** ignorante,
que em massa noturna e amante,
contrái o peso corpóreo que gravita.

- 27i- Com sua energia ao redor da *tr-eva*,
que é a mesma envolvendo Psiquê,
Eros enreda o pejo de Eva
e tão-somente Deus sabe por que.
- 272- Gaia é o pouso em que a matéria há
e é Eros seu telúrico maná.
Do tártaro profundo a gravidade
supõe a **terra** na maternidade.
- 273- Da **terra** o embaraço é uma orgia
que o envolvente Eros torna energia,
fazendo renascer a inteireza
com o devir que brota em Natureza.
- 274- Conjugando o verso Eros é Antero
revertendo o **terno** dentro e fora.
Interna e externamente a força é hora
vestindo de Amor o **terço** ou mero.
- 275- Obscura, arquetípica, como ovo,
é a forma do motor original.
Do meio nasce Antero e do envolvo
o par de céu e **terra** inicial.
- 276- Eros transtorna o juízo dos seres,
versando os contrários na alternância.
Daí que o *po-Eta* ama a ressonância,
da dialética que há em seus fazeres.
- 277- A oponência da primeira instância,
como caos, é *ca-ída* ao **derredor**.
A queda é o *Ida* na circunstância.
Do-ida, é vermelha a cor da dor.
- 278- Germina da origem irmãos supostos:
do-Ída, a saída opera opostos.
O caos cai sobre o par da decadência,
entre gêmeos mediando a falência.
- 279- Da gema germinando, o Três saindo,
gêmeos gemem a criação com ais
A decadência, *do-Ida* parindo,
é Eros pondo ao mundo comensais.
- 280- O mundo em reverso é de sorte
de conjugar diversos pela morte.
Pares consortes matam-se e, em matança,
o enredo é um mato, verde variância.

- 281- Criadas no par desse dividendo,
dobradas pelo meio e tal crianças,
as partes, se uma à outra vão vencendo,
perdendo vão no enredo a esperança.
- 282- Desde as **entranhas** do caos essa dança,
estremecendo a **uterina** caverna,
empalidece a paterna lembrança,
favorecendo a cultura materna.
- 283- Do *Ida* o *po-Eta* não descansa
de converter no poema a licença:
o putativo pai é a história
tradiccionando a Paternal memória.
- 284- Poética licença tem o vate
lecionando o tema do liceu:
o Pai supõe o envolvimento que O combate
e mesmo assim lhe envia um Prometeu.
- 285- Do Monte Cáucaso o regime alcança,
fonte potente de autoconsciência,
Templo em que o tempo acolhe a distância
tornando o juízo auto-suficiência.
- 286- A consciência é ciência do ponto
ou a Ontogenia, que supõe.
Sob a suposição a Cosmogonia
o ponto também dança, em torno, tonto.
- 287- A erótica mudança o ponto entorna
na força da gestante energia,
variando o semelhante na porfia
de desejar saber, que o transtorna.
- 288- O ponto, como ser, pondo o universo,
serena o combate dos contrários.
O ser, sensivo Eros, também vário,
separa e reúne o que é diverso.
- 289- De dentro para fora o ponto estorna;
do centro para a parte ele se arvora.
É neutro o centro e carregado o fora:
para o exterior o ponto entorna.
- 290- Então da flor a semente aflora
em se fazendo serpentina a mente,
no investimento que duplica a hora,
no psiquismo que, demente, mente.

- 291- Gemente o psiquismo, em cegueira,
coisificando aí a semelhança,
para aflorar seus frutos, tal madeira,
se vale da lucífera matança.
- 292- Supondo os versos do externo enredante
A Identidade aflora o semelhante,
fazendo ser princípio a semelhança
e a contradição ser variância.
- 293- Contrariando o materialismo,
madeirizando o fruto incontinente,
relacionando em partes o monismo,
maternalmente arvora o imanente.
- 294- Madeira que da luz se faz gigante,
negando ao enredo a luminescência,
é psiquismo, que encadeia a mente,
é o lenho que tonteia a imanência.
- 295- O Vate dos *po-Etas*, no madeiro,
perdoando a coroa de espinheiro,
para Deus Pai fez um poema novo:
matriarcado é razão de enojo.
- 296- Renunciando à materialidade,
doando-Se ao redor, teve o Cordeiro
a comunhão com Deus, nesse roteiro
em que poesia é fraternidade.
- 297-Violenta a variedade contrafeita
que a semelhança madeiriza e engana.
A vida, de suavidade feita,
alembra o simples, perdoando a gana.
- 298- Confiando a própria mãe ao companheiro
e o aprendiz à mãe na hora extrema
o *Mes-tre* incluiu o mundo inteiro
na comunhão com o Um: o seu poema.
- 299- Quem é o *Mes-tre* senão o carpinteiro
do Pai suposto, divino herdeiro,
capaz de unir todo o efeito terceiro
pela lareira do próprio luzeiro?
- 300- O *Mes-tre* o Três da realidade mede
com o Um sendo comum e comunicante.
Ao fratricídio a Si doa e concede
perdão ao par guerreiro e atritante.

- 301- Pela suposição mesma e potente
de seu mental conceito e independente,
no enredo cada um é apresentação
de sua visão do Um, sua condição.
- 302- Se o Um contempla a Si ao Pai contempla,
florescendo em regime, o *po-Eta*.
O mundo desdobrado é a dieta
com que a medição medeia o tempo.
- 303- À condição conduz o Um o segundo
por sua pretensão em ser primeiro.
Condicionado ele cai no terreiro
que é o material e escuro mundo.
- 304- Se esse terceiro aceita ser segundo,
abençoando o tempo dos segundos,
a duração dos vícios mais profundos
encurta, se curando o moribundo.
- 305- Em remediando Eva o sofrimento
simplifica o tempo em movimento.
Compreendendo Eva por Pandora,
movimentando eras o tempo aflora.
- 306- Pandora é Esperança, afinal,
que neutraliza os dias e o mal.
Adia em ódio o tempo em desespero,
erotizando o louro destempero.
- 307- Quando a matança entrona o vencedor,
tormenta-o a reversa variação.
Se de Eros leva o louro o ganhador,
de Erinias leva, ainda, aflição.
- 308- Doura a aflição do inglório ouro,
durando o momento na demora.
A douração do vitorioso louro
materializa o tempo pelas horas.
- 309- O amarelo empalidece o manto
do cárneo enredo, que em amargo pranto,
reverte à terra sepultando a glória
pelas Queres cadelas feitas Moiras.
- 310- Do Hades caotizam as cachorras
levando a reversão ao oponente.
Assim renasce o outro da masmorra
do tártaro, tal sol, do oriente.

- 311-As feras que *en-ter-ram*, cruéis caninas,
descarnam o vencido no sepulcro
e ao vencedor que tem no louro o fulcro
Erínias são tais megeras ferinas.
- 312- O que fenece não se torna em nada
porque a viração o reconduz.
Se a morte em covil tem sua morada
a reversão devolve o morto à luz.
- 313-A viração é o caos revigorante
da velha ordem em nova tradição.
Caído o ser na queda revoltante,
encontra nela mesma a reversão.
- 314-Logo o gigantismo é força erétil
brotando em campo do terreno fértil.
Em seu trevoso leito Eros desterra,
no caos da variação aflige e erra.
- 315-A abstração do céu cai no abismo,
movimentando Antero esse roteiro.
O psiquismo envolve o erotismo
que se apazigua e sai do nevoeiro.
- 316-A **rota** Eros ruma em **erotismo**,
e em mar de Amor contrário vai remando.
Satisfazendo em breu o seu nanismo,
nas *tre-vas* vai se magnificando.
- 317-Esse **eretismo** errante que mareia
a nau balança, de argila corpórea.
A viagem nauseante que tonteia
acorda a *noûs* dormente na memória.
- 318-Como em porção se encontra porcaria,
em cão o caos se acha e a ladroagem.
Vivendo na desordem o ser varia
papéis com que muda de personagem.
- 319-O envolvente corpo, como embrulho,
é a **nauseante nau** que o Amor refaz.
O mar, que com a porqueira se compraz,
acolhe, tal latrina, todo entulho.
- 320-De fato, de Gadara a porcaria
precipitou-se em mar com anarquia.
Servindo o caos a tradição do túmulo
refaz quem se compraz com o acúmulo.

- 321-Fragmentário é o comportamento
do que excomunga sua semelhança.
A vida de porções nega a abastança
e ao empedrado erétil o *nu-tri-mento*.
- 322-Esfacelado, em pedras *tri-turado*,
o gadareno endemoninhado,
que represemta Eros temporal,
é afeiçoado ao mundo *tri-butal*.
- 323-Na *ter-ra* da **tri-bo** o *tri-butarista*
fraciona a criação na lamaceira.
A vida de porções separatista
educa-se em serviço na pedreira.
- 324- A **tri-bo** é o corpo fracionado.
Tri-butarista é o ganancioso,
que o outro não inclui, licencioso
na sensação, como endemoniado.
- 325-Quer o errante de doença partido
partir no barco de seu curador.
Pelo costume de *tri-turador*
o empedrado é contra si vertido.
- 326-Acontece que a educação
para o Um voltando é a condução.
Depois da cura o *ho-mem* dela precisa
para enlevar sua mente incircuncisa.
- 327- A educador varia o curandeiro
e evita o bote da ignorância,
Recomendando paz e tolerância,
indica a comunhão entre parceiros.
- 328-Volta o geraseno para o lar
depois da experiência tumular.
Do pático erotismo o libertino
refaz em uma família seu destino.
- 329-*Con-fuso* e variado o sepulcral
se simplifica em dor de comunhão
e aceita o acusante tribunal
que é o enredo da conjugação.
- 330-Fundindo todas possibilidades
comunga com o Um o ponto temporal.
Comum é o ponto da comunidade
compondo em fuso a malha universal.

- 331-Se é *con-fuso* o mundo variado
também o é o ponto implicante.
O fuso tece o manto enredante,
confundindo em caos o revoltado.
- 332-A *con-fusão* diverge em grandeza.
Na enorme circunstância é trapaceira,
porém na pequenez é companheira.
Preferível é o fuso da pureza.
- 333-Em simplicidade a ciência é *in-fusa*,
na complexidade é abstrusa.
Não há compreensão na circunstância.
Compreensão só há na prima instância.
- 334-O oculto abstruso e pontual,
do primeiro instante original,
revela comunhão, simplicidade,
compreendendo a diversidade.
- 335-Excluindo a obscuridade
a *con-fusão di-fusa* da grandeza
não vê que é *c-ego* o que na redondeza
cultiva sua individualidade.
- 336-O ego que se põe em separado
é insaciável em magnitude.
Não vê a inversão em sua atitude,
nem sente que se atola chafurdado.
- 337-É insuficiente o ego infernal
que vive em sepulcro industrial.
Pequeno e invertido se atordoia
na circunstância que ele não perdoa.
- 338-*C-ego* é o louro pequetito,
mas magnificado em sensação.
O mundo agigantado em duração
sepulta em suas pedras cada *eguito*.
- 339-*Eguito*, no mito piramidal,
o invertido “sou” matriarcal,
como perdido “eu” no gigantismo,
conta a tradição do despotismo.
- 340-O *des-potismo* é o poder erétil
que leva a sensação a arvorar.
Faz o “sou eu”, errante feito réptil,
um sinuoso *r-io* a rastejar.

- 341-Assim é a potência hedonista:
a que soergue pedras por monturo.
O gadareno, que é separatista,
inuma o Um com seu hábito impuro.
- 342-O *eguito*, ou ego circunstancial,
como “sou eu” de vida sepulcral,
materializa a manifestação,
estabelecendo a excomunhão.
- 343-Enorme no enredo é pequenino
o perverso “eu” em pura noção.
É inocente, então, o louro menino
que parte em *n-ega-ção* o coração.
- 344-A *n-ega-ção*, ou *ego* em *n-egó-cio*,
inverte em “sou eu” o “eu sou” *c-ega-do*.
Comerciando por insano ócio,
arvora em *c-io* erótico o variado.
- 345-O *enceguecimento* o ego enaltece
no antro em que germina o terceiro,
partindo do *eguito*, qual morteiro,
piramidal volume que amortece.
- 346-A negação do “eu” resulta em *c-io*
que em *ó-c-io* torna o erétil embaralho.
O útero em que o *c-ego* negocia
é tártaro a negar dO UM o trabalho.
- 347-Ora, *c-io* como Io embarçada,
pejada e de coceira atormentada,
reapresenta Jó em oponência
que preferiu o *c-io* à paciência.
- 348- Tomada em couro por agitação
Io percorreu toda a extensão
e encontrou no Nilo estação
a fim de avolumar sua gestação.
- 349- *R-io* é como *c-io*: “eu” em redor.
Logo o Nilo é como a *n-ega-ção*,
em que o *eguito* encontra esplendor,
versando em Sete e em vaca a geração.
- 350- O Sete da fartura e da fome,
de vacas gordas ou de magras rezes,
lecciona o que em lobo torna um *ho-mem*:
Jacó servir Labão fez duas vezes.

- 351- O *eguito* Seth trucidou o irmão,
Sete nutrindo em múltipla porção.
Reconduzindo os dias criativos
o Sete por matéria é volitivo.
- 352- O setenário parte em sofrimento,
o ser que aí se põe, em se doando,
dividindo o Templo. Salvo é o momento
que é a velocidade se alocando.
- 353- O Templo, simplesmente, como foco,
pontua o tempo que parte e compõe.
Compondo enfoca o mundo, feito bloco.
Em sendo *P-onto* é o ser que aí se põe.
- 354- O Templo é suposto pelo Um:
é o corpo simples e denominado.
Variando, como tempo, é comum.
É Eu Sou ou *Mes-tre*: Dois terceirizado.
- 355- O Um, que é sempre o mesmo, é unidade
medindo a potente variedade.
O UM perene é Um e Dois pontual
subordinando o Três monumental.
- 356- Medida de Si mesmo é motivo
de medição do bloco emotivo.
Pelo comum o Um mede o terceiro:
pelo Templo a doar, ponto do meio.
- 357- O Dois, comum com o Um, com o terrestre
se comunica e, então, se torna *Mes-tre*:
mes simples, de unidade universal,
medida do terreiro ou *tre* geral.
- 358- O Templo porque doa é duplo *Mes-tre*,
da destra e sinistra dualidade.
O destro é Três fraterno e campestre
e o sinistro é caos na realidade.
- 359- É campestre o destro porque emana
a inclusão solvente da distância.
Sinistra é a separação germana,
aterradora por beligerância.
- 360 - Belo, gerado de Posídon-Líbia,
o *eguito* revelou piramidal.
Seu irmão, Agenor transcendental,
Europa emanou em touro anfíbio.

- 361- O egoísta, do enredo cativo,
tormenta o seu fraterno que se doa,
ignorando que é mesmo o motivo
que faz sua dor e o que o outro atordoa.
- 362- O “eu” que doa é chamado *Ju-dá*,
também nomeado “Eu sou” ou, ainda, Jesus.
Essa atualização do mar se dá
e a porcaria egoísta à luz induz.
- 363- A sina da porqueira é a limpeza,
que o *su-jo* ou egoísta, “eu”invertido,
alcança pelo mar, de ondas ferido,
e pelas horas recobra pureza.
- 364- Os porcos de Gadara, como *eguitos*,
recebem acolhida do oceano.
Em salsas vagas esses pequenitos
refazem a noção do “eu” soberano.
- 365- Preciso é que o mar se entrecorte
e reconduza o caos da viração,
afim de que à sujeira dê suporte
tornando-se fulcro da evolução.
- 366- Assim é o mar ou *Mes-tre* de Amor,
medindo em comunhão com o terror,
equilibrando o peso da sujeira
pelo banquete na hora terceira.
- 367- O erotismo, então, se pacifica
por desimpedimento do saber.
Cessando a tomação o “eu”, como um ser,
serena-se e o *su-jo* se purifica.
- 368- “Eu sou” ou “*Je suis*”, melhor, Jesus,
o ser afirmativo da união,
simplificando a guerra, o Três reduz
ao Um, em sendo *Mes-tre* da fração.
- 369- Sujando-se na porcaria o ser
enreda-se no sensitivo corpo.
É tal *Ja-có*, que em ganas se faz torpe,
aprendiz de lobo a enriquecer.
- 370- De *Ju-dá* até *Ja-có* a contradição
varia o “eu” que dá em tributarista.
Medindo por si mesmo é varão,
medido por trapaça é vigarista.

- 371- Logo a vigarice é a *co-brança*
fazendo o duplo *en-ca-britar*, fedido.
É a tomação que cobre a semelhança
em cubos corporais e tripartidos.
- 372- *Po-Eta* do costume fraternal
o *Mes-tre* regimenta a abastança.
Amando a Lei é lídimo fanal,
proporcionando à *ter-ra* esperança.
- 373- O Amor do *Mes-tre* à Lei é incondicional,
mas seu Amor ao Três, proporcional.
De acordo à experiência ou história
o Três recorda o *Mes-mo* em sua memória.
- 374- A cor colore ao derredor a essência.
Por isso a dor do enredo, a experiência,
recorda a Lei central, subjacente,
do mundo periférico, imanente,
- 375- A *di-Eta* do *eguito* gadareno,
de enredar-se amando consistente,
à do paralizado é semelhante,
levado o leito a transportar sereno
- 376- O amor tributarista é sensação
referida ao enredo como *c-ama*,
embaraçando a Lei, que não reclama
de sempre trabalhar em contração.
- 377- O *c-ego* que gritava, *Bar-timeu*
retemperou a sua *in-timi-dade*.
A exemplo do tarsense e cadmeu,
iluminou-se na interioridade.
- 378- Mudou o mal querer de sua maneira,
sentado, infantil, pela cegueira.
Viu com o *Mes-tre* o *c-ego*, qual *Ja-có*,
Cinco reprendido em Jericó.
- 379- O *po-Eta* canta que a Noite Queres
seguem como atentas companheiras.
Por certo vêem elas que as etéreas
luzes irradiam-se em madeiras.
- 380- Matéria é a recondução da Noite
atualizando o caos da divisão.
Se a guerra em oponentes vibra o açoite,
vergasta com noturna inspiração.

- 381- Sob o valquírio manto a ruína
devassa, destruindo a semelhança,
mas na versão poente dessa sina
demora uma Hespéride esperança.
- 382- Devasso é o erótico desejo,
notívago porque fundamental,
pois por variação original
Queres por Moiras fiam o despejo.
- 383- Os fios do despejo, desde o início,
confundem-se na roca do poente.
A morte ao parricida é um suplício:
forçoso é o recomeço ao decadente.
- 384- Assim se esforça Sísifo rolando
“Moro” acima ou “Moro” abaixo ocupado.
De rota serve a morte ao empedrado
na volta em que ele vai se renovando.
- 385- No redondo do mundo o que avoluma
se esmaga sob a massa que retorna.
Se morro acima em pedra o “eu” se torna,
abaixo, sob ela, morre o “eu” sem lume.
- 386- Compulsoriamente é pelo ato
que o retornar do enredo se processa.
Na pedra o modo com que o “eu” se arremessa
torna-se em foice servindo a Tanato.
- 387- Na morte importa o já vivido em vida.
Na lápide o ato serve de medida.
A Nêmesis, que pesa a consciência,
vale o balanço da experiência.
- 388- Nêmesis na noite usa a balança.
Ela é a morte julgando, à semelhança
de Tânato, que utiliza a foice,
refletindo a vida que se foi.
- 389- A dama mede o *c-ego* e avalia.
E, se a circunstância pesa mais,
o “eu” nas trevas de ares infernais
chora o ter sido *n-ego* na porfia.
- 390- Que é o *n-ego* nessa versação?
Não é o *c-ego* do branco terror?
Pois branco é o oponente que, em furor,
se alia às voltas da trituração.

- 391- *N-ego* é o *c-ego* da sonegação,
enredado em venda ou tomação,
que em noite negra vê, afinal,
a pura luz do Pai original.
- 392- *N-ego* é o *su-jo* posto na esterqueira,
embaraçando a vida na lameira.
Não é “Eu sou”, mas “Sou eu” no enredo,
onde por paranóia infunde medo.
- 393- É *su-jo* o jacobino enganador,
se enriquecendo pelo cabritismo.
Do matriarcado aterrador
é rei de horror e de separatismo.
- 394- Se a porcaria aumenta sobre a Terra
Momo brejeiro logo insufla a guerra
entre fraternos, sob a paranóia:
dessarte Helena foi reinar em Tróia.
- 395- Helena foi forjada nessa história,
simbolizando a luta fratricida.
Horas de guerra impelem à vitória
a luz sobre o tormento parricida.
- 396- Éris noturna põe-se a semear
discórdia sobre a viração, com pomo.
E os pares do agregado, em guerrear,
realizam *Páris* que atualiza Momo.
- 397- O pomo é de ouro e o guardam as Hespérides,
que a Terra Gaia ofereceu a Hera.
Mas, tormentoso, o tempo não se esmera
em por aí do Templo as efemérides.
- 398- Em desespero as horas da esperança,
véstias do Amor, dividem o mundo inteiro.
E pelas setas de Eros criança
enredam Afrodite e Ares guerreiro.
- 399- Da Trácia que é o Três circunstancial
vem a influência para o fratricídio
em que se perde pelo genocídio
pares opostos: *p-omos*, afinal.
- 400- Lembrando a história de Anteu,
que Hércules também submeteu:
do antro vem a força do gigante,
que pelo tornozelo se garante.

- 401- Assim ainda de Talos a memória,
vencido pela astúcia de Medéia,
e a de Aquiles preferindo a glória
a viver com o calcanhar em Geia.
- 402- Tais símbolos materiais vencidos
são *c-egos* que na massa se entorpecem.
Com Nix se renovam e, enegrecidos,
confundem-se no ponto e obscurecem.
- 403- Renova o *eguito* a noiva que desnuda,
por fome, ou dor, fadiga, ou esquecimento.
E o “eu” do enredo, por Hórkos sofrendo
desenraiza-se e, então, transmuda.
- 404- Não faltaria à noiva o olvido
que não descansa em fazer esquecer.
Por isso a Hera e Ilítia é devido
o parto com Léthe, ao renascer.
- 405- Preciso é Algos no parto à criação
negando ao *c-ego* o *c-io* na extensão
do branco alveo, Doze da emanção:
doce poente dose que é o perdão.
- 406- O *p-onto* aí supondo em *po-ente*
simplifica toda a conjuntura.
Não se aproxima as partes com sutura
que o novo não remenda o decadente.
- 407- Por tradição não pode ser medida
o que a novidade corrompida
deseja impor aos velhos já passados.
É mesmo o que se paga aos *contra-atados*.
- 408- *Ter-ceiros* um *con-tra* o *ou-tro*, se *a-tri-tam*,
na prevaricação de Eros, noturna.
Nu-trin-do-se de leite, se *con-tri-tam*,
pela *ma-ter-nidade* de Manturna.
- 409- O embrutecimento evoluiu
do atrito que alumia e brilha o breu,
representando o drama do atreu
que a Pélops Deméter envolveu.
- 410- Tântalo os deuses à *começão*
expôs com carnes de seu próprio filho.
Realizando o Olimpo de seu *tri-lho*,
de Deméter teve compreensão.

- 411- Mesmo agoniada com o seqüestro
de Core para o Hades de Plutão
Deméter fez do ombro humano o estro
que leva a atrida a *po-Eta*, em comunhão.
- 412- Se Tântalo no *tri-lho* é insaciável
como o moço rico, oposto ao chagásico,
Deméter mostra o *tri-go*, a pão mutável,
ao licantropo *ho-mem* na vida ázigo.
- 413- Pélops é o *ho-mem* no umbral,
necessitado de manto carnal.
Seu postiço ombro é um sinal
para ombrear-se em vida fraternal.
- 414- O *tri-lho* é o caminho no terreiro
em que erra o atrida triturador.
Na guerra em Tróia o erro do terceiro
fez o agregado atreu aterrador.
- 415- Aquiles mostra ao mundo essa trama:
o sensivo quer, mas nunca alcança.
Pélops, sem um ombro, nessa dança,
por Crisipo a Tebas estende o drama.
- 416- O *ho-mem* vem ao mundo pela *ter-ra*
e nele tem *tri-unfo* pela guerra.
Preciso é acolher toda criança
e sua inquirição com confiança.
- 417- A criança é a suposta solução
que o Amor da *ter-ra* põe aí no quintal.
Nasce a resposta, ela é original
e tem à licantropia aversão.
- 418- A licantropia é relativa
e falaz a corda da sutura.
Diante do problema da ruptura
a começão é o emblema que motiva.
- 419- Com começão não se mantém remendo
porque se rompe reciprocamente,
em desafio, o par impaciente
que em desalinho vai se corrompendo.
- 420- O que modera a beligerância
é o pontual perdão comunicante
do ideal do par na discordância,
mediante ação do caos subordinante.

- 421- Preciso é o acolhimento da armação
com que todo oponente se eriça.
Para que a paz vigore na união,
suposta, a vara mede com justiça.
- 422- Reinando noutro mundo o *Mes-tre* ensina
que é Ele a justiça e o varão,
medindo em acolhida a confusão,
testemunhando o Pai que o encima.
- 423- Então, o Reino é como o fermento
que uma mulher põe na porção de massa.
Ao Três que se esfarinha na devassa
a vara da justiça é o firmamento.
- 424- No casamento de Caná: “Mulher,
sem que seja essa a hora, que você quer?”
Jesus pergunta à mãe na Galiléia
para ir limpar o Templo na Judéia.
- 425- Assim o matriarcado se comporta
iniciando a criação na história
que pressupõe os louros da *van-g-lória*
nas núpcias do terreiro que suporta.
- 426- O povo adulterado em porcaria,
paralisado, em pedra enduredo,
com o *Mes-tre* em água viva é batizado,
como em Betesda e na Samaria.
- 427- Na Galiléia as talhas somam seis
e os pares da mulher da fonte, *idem*.
Se na piscina as portas se dividem
em cinco, é que a sexta é a ovelha *Treis*.
- 428- O Seis transfere o Cinco para o Sete.
Neste caso o vício se intromete
na função do Três. A oito o vinho ou dor
reforma o Seis. E o Sete anula o Amor.
- 429- Trinta e oito anos de defeito
o Oito mostra trabalhando o Três,
conduzindo o coxo a ser refeito
como o Um o Dois no Doze à prima vez.
- 430- Comporta-se o escrever na areia
como o empedramento na arena.
Amando o *Mes-tre* em Pedro se baseia
na cura homeopática terrena.

- 431- A escrita na areia a pedra fere,
como um mais suave semelhante.
O *Mes-tre* educa o par, que é oponente,
valendo-se da culpa que há na fera.
- 432- Não sendo o Um e Mesmo é comum
e, assim, pontua o Mesmo da unidade.
Do Três, que parte e fere como imundo,
pode Ele comungar a inimizade.
- 433- Diante do *cor-po* que embola o bolo,
que é o que se chama de problema,
a solução é o sim que evoca o símbolo:
o ponto que do enredo é o emblema.
- 434- Em face das bolotas, da porqueira,
não queira a erotização querer,
pois são malsãs maçã e a madeira
e as Queres que afligem o fenecer.
- 435- O pródigo mais novo preferiu
o tempo que é herança circundada.
O Pai que dá em horas consentiu
sua vida devassa emadeirada.
- 436- Entrevou-se o argivo forasteiro
nas furnas comerciais do meretrício.
Em vida tumular houve o terreiro
infernizando-se no *c-io* triste.
- 437- Quem ao problema opõe separação
inferioriza o tempo em bolotas
e na imundície da suína porção
mentira é que encontra ou uma anedota.
- 438- O que não comunica *diaboliza*
de vez que simboliza a comunhão.
Diabo é o separado que inferniza,
inferiorizando a relação.
- 439- Propende o Cinco ao sim à tomação,
reafirmando o Sete que é partido.
O fraticida, que vive a emoção,
é velocista, em velo envolvido.
- 440- O sim posto ao redor é o sim à guerra:
é o vício como meio de enredar.
Se manifesta o caos o Cinco enterra
o *diábolo*, que é caído como um par.

- 441- Par é o Dois. Caído o Dois se inverte.
Vertido duplamente o par é o Cinco
retificando aí o Três solerte,
qual Sísifo esmagado em seu vinco.
- 442- A enduração que esmaga e gera a massa,
que retifica a dobra com implicância,
desdobra, ainda mais, tempo em distância
e engana a conversão com vil trapaça.
- 443- Não é amassado o mundo, nem direto,
é curvo e contingente, desde Ceto,
que junto a Forcis gera o manifesto,
atualizado na forja de Hefesto.
- 444- O modo é *C-Eto* posto cá de fora:
For-cis que ao semelhante opõe matança.
Tal Quatro é a força que ondeia a hora,
virtude ou vício, de Atena a dança.
- 445- Se verde é o mato, vermelha é a matança.
Arbóreo é o cárneo forasteiro.
Se o rubro Pirra vence no terreiro
seu louro é o de Pirro, ou lembrança.
- 446- Por isso, dança a pirra a tecedeira
sinalizando a pira do sepulcro.
Supostamente o meio é o fulcro
dos pares pirracentos da lameira.
- 447- O Um aí é o Ida e úmido *M-onte*
enquanto ser que é *Mes-mo* e medida.
Se a emanação o *M-onte* faz partida
o *P-oente* ponto em poros faz-se fonte.
- 448- Perfurado o *M-onte* imponente
demonstra o fluido que emana o *s-ente*,
de vez que o sentido é o ente posto,
que de *M-ente* simples põe-se composto.
- 449- Composta a *M-ente* dobra-se e *comp-lica*
a tomação do lobo: ou meralgia.
Se o cambaio ante Algos cai e claudica,
sup-lica de Hypnos a anestesia.
- 450- A *M-ente* encoberta o Três descobre.
O *S-ente* incorporado a tudo envolve.
Nada ao Ente foge e tudo evolve
no jogo que desnuda e que recobre.

- 451- Joga e julga o *M-estre* secundado
por mínimo auxílio pontual.
É seu ministro o *po-Eta* extrudado
e o medianeiro Doze serviçal.
- 452- A natureza ou noiva de quem nasce
toda a diversidade, que refaz-se,
apraz em se ocultar veladamente:
é nua como a revelável *M-ente*.
- 453- O Duplo é o caminho para a *M-ente*,
de vez que, obscura, ela irradia.
Plotino diz pela filosofia:
o Três em Duas vias vai ao Ente.
- 454- O Duplo enquadra o mundo pela idade,
normalidade supondo entre pares.
À Una ação reage a totalidade
do enredo oceânico ou dos mares.
- 455- Amores que renovam são os mares,
o “eu” pulverizado através de Ares.
A totalidade simplificada
reconduz O UM, que a dispõe dada.
- 456- O duplo fluido que faz o terceiro
comunga em substância com o Primeiro.
Se fora ondeiam naus encapeladas,
do centro a *noûs* ordena as lufadas.
- 457- Logo com o *Mes-tre* aprende o ministro,
de dentro, desde o centro, para fora,
mas de relógio serve-se o sinistro,
o medidor da nau com a hora que aflora.
- 458- Como se serve o medidor das horas?
Como em *re-lógio* tal *logos* se torna?
Torna-se hora o *di-minuto* fora
por diversos segundos que ele *en-for-na*.
- 459- Entorna em torno o que é segundo,
emanando o velo do profundo.
Pela velocidade angular
leva o Um a *C-One* ao *en-for-nar*.
- 460- De fato, o *C-One* é O UM na circunstância.
Medindo, então, o Dois, toda distância,
com a velocidade angular,
acolhe em *P-Onto* o espaço, por amar.

- 461- O *P-Onto* é *di-minuto* e segundo.
P-Oente o *P-Onto* é desenho do mundo.
O mar ou *P-Onto* do *Mes-tre* divino
entorna o tempo ou projeta o destino.
- 462- *Men* em menor, minuto, *ho-mem* ou mente
é como de Atena o Paládio ou manto.
Tão-só a noção mental supera o espanto
que é a Medusa, ou Pã, ou medo da gente.
- 463- Mais se doa quanto mais se apequena.
Ilusão é ajuntar para doar.
Daí que o *P-Onto* põe aí o par
de onde se origina a hora terrena.
- 464- O *P-Onto* que em par a hora origina
a contradição ama e imagina.
Supondo a paridade no terreiro
secunda o *di-minuto* em Dois ponteiros.
- 465- Como Um, Templo é ao tempo subjacente,
supondo o universo diversamente.
Sendo eterno o *P-onto*, que é presente,
junge o porvir à origem como *M-ente*.
- 466- Original é o ido preterido,
versado no futuro ideal
pelo presente, ou rota do perdido,
no período vário ou temporal.
- 467- Assim na superfície o Dois é nau,
desde o ângulo templário e ideal.
No fundamento o Dois com O Um e Mesmo,
medida é da navegação a esmo.
- 468- Mede-se a nau, que é embarcação,
pela suposição que o Três mensura,
supondo o Três na sombra da postura
piramidal, reagente, do varão.
- 469- A nau feita pirâmide *re-age*
na sombra da ação posta em viagem.
Partida a nau é ira. Emanativa
é raiva, oceano *r-io*, irradiativa.
- 470- A exata medição em meio a males
mensura o que varia em precisão.
A divisão, antecipando Tales,
meiou um *r-io* e o Três pelo varão.

- 471- Por isso afirmou o sábio milésio:
o mundo é água sem explicação.
Amando Náucrates serviu a Crésio
e a uma mulher não rendeu conjunção.
- 472- Ministro do governo a cardinal
rota compreendeu-a piramidal.
Distinguiu a angular forçosidade:
a quarta força, a virtualidade.
- 473- Destarte é que a Tales se agradece
a ciência da virtual navegação.
Para ele, sem sofisma ou persuasão,
o aprendiz a si se reconhece.
- 474- O ângulo da dobradiça é ponto,
em que se fundamenta a extensão,
vestido na *Ter-ra* da engolição,
variando Náucrates em Metaponto.
- 475- A forçosidade, de angular,
tornou-se força de degolação,
que os pares, no jogo da predação,
afortunam em cifras de enforcar.
- 476- *Ci-frão* é a *fra-ção* posta no mundo,
endurecendo a vida do imundo
que, de saudável, põe-se moribundo,
desnortado, como vagabundo.
- 477- Então, para o perdido *for-asteiro*
o Amor desdobra-se em cardinalato.
O Quatro é instrumento do terceiro,
virtude tal, reconduzindo o ato.
- 478- O *c-onto* da memória do Um ao Quatro
reserva o Três para a *ter-nura* e o Cinco
para o fratricídio, como átrio
do Seis, que dobra o Quatro como vinco.
- 479- Em fase terreira o Sete é *ho-mem*
e o vício vinca o Quatro virtuoso.
Seth é o *ho-mem* feito *lobis-o-mem*,
que em Nove o Oito torna venturoso.
- 480- O que varia o novo é a oitava
em contingente possibilidade.
O novo é o Nove que a *n-oite* velava,
desde a setenária veleidade.

- 481- Assim o Amor ou meio posto ao cubo
é meia, meia, meia, feito besta.
O que reveste o Sete é como adubo,
que o esterqueiro húmus faz de cesta.
- 482- Se o comércio na estrumeira impera
os *ho-mens* se enfrentam como feras.
É preciso amar a continência
o enredo feito a cesta de imanência
- 483- O enredo de Afrodite e Ares guerreiro
fez sacudir no *r-iso* o Olimpo inteiro.
Velado é o semelhante manifesto,
forjado pela arte de Hefesto.
- 484- O semelhante aí é *r-iso* e graça.
É como o Amor que enreda o armeiro:
age como o fermento para a massa
e não se comercia com dinheiro.
- 485- A cesta, que é o corpo envolvente,
unindo o Amor ao Sete no atoleiro
simboliza o tempo passageiro
que é a besta que move o *ho-mem* cadente.
- 486- A besta se faz besta de arqueiro
que indica *s-eta* em favor do guerreiro.
Eros é o tempo Oito que, obscuro,
renova por regime o Sete impuro.
- 487- Se a *s-eta* de Eros está fora
é o regime externo ou opinião,
valendo o Cinco da animação,
ou sim às Queres cruéis da última hora.
- 488- O Cinco, infantil *ho-mem*, animal,
cruento e agigantado, imaturo,
qual Caim, marcado com um sinal,
em Nove se renova por maduro.
- 489- A sinalização que Caim marca,
é o arco-íris, da aliança a arca.
Caim é o *ho-mem* posto no quintal,
o diminuto quinto racional.
- 490- Renova o *Mes-tre* pareando ao velho
o novo; o bode tornando uma ovelha.
Paga esse Senhor igual salário
a pares fraticidas e contrários.

- 491- O Cinco no *ho-mem* é o duplo animal
versado nos centauros, em Quirão.
Representa o corpo racional
que é lâmpada à luz da intuição.
- 492- O Cinco é a metade hominal
que tem outra metade animal.
Simboliza o centauro Quirão
que habita o Pélion, expressando a mão.
- 493- O *ho-mem*, mais que animal racional,
propende à inteireza intuitiva.
A dor da experiência é instrutiva,
ascende ele com a prova emocional.
- 494- Da dor de sua ferida, o esquecimento
não pôde beneficiar Quirão.
O modo é dolorido e à indicação
serve, tal farol, no firmamento.
- 495- Salvando Prometeu fere Quirão
Héracles, que é glória de Eva ou Hera.
Quirão ferido, evoluindo a esfera,
sagita-se em uma constelação.
- 496- Nessa variação de Cinco a Nove
superando a condição de Sete,
Set, irmão de Caim, supera a *S-eta*
e à porção confere vida nova.
- 497- Negando-se à sensação Quirão
mudou sua vida como Prometeu.
Medindo em modos, pelas próprias mãos,
de *eguito* fez-se cego cadmeu.
- 498- Cego cadmeu é o intuitivo
cujo pai mundano é putativo.
Visão inteira Édipo alcançou
justamente quando a si cegou.
- 499- Compondo, a medicina ajuda a gente.
Ela o *Mes-tre* supõe, do Cinco ao Nove.
Negando o sensório é inteligente
se com o regime mede o que se move.
- 500- É semelhante a medicina, pois,
e à *po-esia*, *po-ente* por regime.
Se sensorial não vê que o Dois
desperta a mente e pela dor redime.

- 501- O *Mes-tre* comunica, tal *se-mente*.
Gér-men é *ter-ra* que enreda a *Mente*.
A suprema *Noûs*, em hora envolvente,
faz o *ho-mem* enlameado inteligente.
- 502- *Gér-men* sendo a *C-ega* mente, *Guera*,
velha filha de Noite, *n-ega*, gera
vicariantes e mentores pares
tais primo e primeiro avatares.
- 503- Libidinoso e beligerante,
de Líbia o gêmeo par original,
muda-se em primos, Dois inicial,
que por batismo são comunicantes.
- 504- Confuso é dos primos o início.
Jesus ou João, quem veio primeiro?
Se João foi o mais velho no terreiro
Jesus como mais novo é primícias.
- 505- A guerra é mais velha na inversão
que João Batista ao rei decapitou.
Jesus, primo recente, renovou
em Boa Nova a velha tradição.
- 506- O *Mes-tre* que é *p-Onto* é mares reverso:
princípio, meio e fim do universo.
O “Eu Sou” é Amor recíproco ou contrário
que como Templo é comum ou vários.
- 507- Se o Amor é vasto mar o Amor é *p-Onto*,
p-Oente arco-íris, véu ligeiro,
que em *Ho-mem* se dobrando no terreiro
das novidades para o velho é ponte.
- 508- Varão comunicante, tal ponteiro,
o *Mes-tre* indica o páramo do céu.
Para contemplação desvela o véu
e as horas pastoreia, pegureiro.
- 509- Enredante Amor, cobrindo a mente
o dia em meras horas versifica.
O *Mes-tre*, feito Hemera contingente,
irisa e ao Pai os *ho-mens* comunica.
- 510- Como pequeno ângulo é segundo,
como menor dos *P-Ontos* variantes
é *Ho-mem* o “Eu Sou”, *métron* do mundo,
zagal dos embusteiros dos instantes.

- 511- Pontua o “Eu Sou” no mar da imensidão,
levando o Um à *ter-na* formação,
roteirizando a variação
em que se interroga a animação.
- 512- Destarte desfiguram-se Nereu,
o velho mar, e a dorida Foca,
atualizantes pontos de Proteu,
simbolizando o *Ho-mem* como Foco.
- 513- A interrogação da animação
explica a dobra e a *Phýsis* dinamiza
em forma que figura a criação,
que é o que varia ou animaliza.
- 514- O mar o Amor anima feito peixe
Tritão, que vale a vara do enfeixe,
ou inocente Pã, que em úmido molho,
é dado para o ondeio, que é um abrolho.
- 515- Ora, contrária em onda é a traição
e Pã que é posto ponto é também *p-ão*.
A tradição que a Peter põe peão
lava-lhe os pés, mas não lhe lava as mãos.
- 516- A pedra olhando o mundo é um horror,
olhando sem se ver é um terror.
Assim faz a Medusa tanto medo
representar “sou eu” como rochedo.
- 517- A pane é infantil impedimento,
com que a pedra ceifa, em negação,
que tolhe o ideal procedimento
e não confirma o pão da comunhão.
- 518- O que comunga o *Mes-tre* com Quirão,
no poema em que o Três ama o quinhão,
é o sim para o enredo de aflição
que torna a dor impulso de ascensão.
- 519- Bastante é que o modo, como a mão,
não queira conhecer a oposição.
Se a mão agarra Tétis, de Peleu,
a cobertura enfurna a mãe no breu.
- 520- Velando, a mãe tempera no Estige
os quilos do encoberto sanguinário.
Aquiles, o peleida de prestígio,
reapresenta a razão do calvário.

- 521- De fato, o veloz da cobertura
se perde na usura da urgência.
Aquele que se ajusta em quintas dura
apenas na memória da inclemência.
- 522- O chefe mirmidão da ilha Egina
que massifica a forma, de formiga,
de enfermo e formusura imagina
que alcança pela maçã inimiga.
- 523- Se a força massifica nunca alcança,
por grande e maior seja a pujança,
perdida e embaraçada na matança,
o ponto virtuoso da esperança.
- 524- Supondo os pés velozes da hamartia
o banho do “Eu Sou” traz vau ao mar
profundo e abissal e, ao caminhar,
dispõe a nau da aliança à sangria.
- 525- Tânatos, Queres, Moiras, Harpias, Gréias,
Górgonas e demais crias noturnas,
monstros do mar, do céu, do ar, de Geia
são quintas que o Amor livra das furnas.
- 526- A Argo de Jasão, a arca de Noé,
também a cruz de lenho e os abrolhos
são conversões de Amor que lava os pés,
mas cobra a Endimião vigília aos olhos.
- 527- Em um só sono juventude eterna,
quis o belo pastor do Monte Latmos,
porque Hera amou, ainda que em um átimo,
ou pelo amor de Hipno na caverna.
- 528- A Sísifo se ombreia Endimião,
lutando para a morte evitar.
Se Tântano de Hipno é irmão,
Endimião de Sísifo é avatar.
- 529- Terror da morte tem o fraticida,
beligerante, *c-ego*, homicida.
Avolumando-se pelo terreiro
quer ele atar o instante passageiro.
- 530- Com esse horror encontra ele a Empusa,
espectro de Hécate imanente,
mulher de um só pé e indiferente,
noturna, que o empedra, tal Medusa.

- 531- Varia a Empusa em formas diferentes,
porque a variação é providente.
Mas o varão terceiro é resistente
e alega que Medusa empedra a gente.
- 532- O átimo, que em átomo terceiro,
secunda a consciência do Primeiro,
varia em grau dois, por dois ponteiros,
e a matéria rege por inteiro.
- 533- A viração é o tempo da esperança
respirando a vida da criança
que é a criação feita em minutos,
engendrando o *ho-mem* diminuto.
- 534- A que compara o *Mes-tre* a geração?
Na praça, em par contrário, infantes são.
Se um canta ou chora em dança ou em lamento,
o outro é indiferente em seu assento.
- 535- A geração é o Gerião gigante,
que é velho, mas também novo ou infante.
A este par oposto o Amor dispõe
a mesma vara e com ela o Três compõe.
- 536- É dado ao gigantismo o *ho-mem* pequeno,
que gera monstro em antros do terreno.
Pelo medo chafurda como porco
e evolve a acolhida com Molorco.
- 537- Empusa não se evoca, nem se expulsa
por juramento, injúrias ou perjuro,
de vez que o “eu” no enredo é impuro,
tal *ju-ro*, que na relação repulsa.
- 538- O *su-jo* ou *ju-ro*, ou “eu” no lamaçal,
se jura pela Empusa espectral,
que é mulher fatal, se enclausura,
claudicantemente, pela usura.
- 539- Aliança com a usura é juramento,
que as águas do Estige, qual tormento,
temperam com poder, zelo ou vitória,
na força de enredar que tem a história.
- 540- Todo bom *ho-mem*, de seu bom tesouro,
coisas boas tira e o mau más.
Aprende o *ho-mem*, desde o nascedouro,
que o pão da vida emana e é um maná.

- 541- O pão do céu é o velho sábio Pã
que para alimentar o psiquismo
dá sua própria carne, o próprio sangue,
através de crístico altruísmo.
- 542- O psiquismo é o temperamento
que o duplo tempo terceiriza em todo.
Podendo variar, tem tratamento
pelo poder que têm saliva e lodo.
- 543- O que alimenta é o manto da *di-Eta*
com que se mede a dimensão diversa.
O modo de viver faz do *po-Eta*
medidor da dor do universo.
- 544- São, pois, a carne e o sangue de Jesus
fraternidade pura que conduz
o pequenino *ho-mem*, tal criança,
das quintas cavernosas à abundância.
- 545- Bastante o *Mes-tre* torna quem o segue,
da fome e sede livre de tormenta.
Educando a tomação do *C-ego*,
por dor e doação o medo apascenta.
- 546- O regime de vida que Ele ensina
medica o tempo e é, pois, medicina.
Todo *po-Eta* mede a realidade,
aí supondo-se em fraternidade.
- 547- O *po-Eta* compreende o que é bastante,
doando-se em *do-se* suficiente,
nem pouco ou muito, moderadamente,
a fim de ser um Doze em todo instante.
- 548- Essa medicina atemporal
supõe o tratamento parcial
medicando o tempo estrutural,
que totaliza as partes em geral.
- 549- Medica ela a *di-nâmica* animal
que organiza o fluido corporal.
Confere brevidade à enduração
a *di-Eta* do *po-Eta* em comunhão.
- 550- Esse regime faz a simpatia
tornar-se, em medicina, Homeopatia
que medica o tempo e a consciência
evoca pelo amor à experiência.

- 551- Auxiliando o *ho-mem* na ascensão,
a se livrar da gana e tomação,
contemporiza a Homeopatia,
tratando a venereopatia.
- 552- Quer se agigantar a criação,
porque é diminuta e temporal.
Para o interior pode, afinal,
crescer ela em sua animação.
- 553 O *po-Eta* assimila a sensação
e se contempla em toda circunstância.
Sabe que é interna a abundância
de onde emana a manifestação.
- 554- Fraternidade canta o *po-Eta*
em seu trabalho hercúleo de profeta.
Vence ele o medo a empedrar o “eu”
que envasa o *ho-mem* feito Euristeu.
- 555- É a fraternidade a esperança
que anima a criação feito criança,
pedindo compreensão e temperança
para que haja no mundo abastança.

Antônio Carlos Gonçalves da Cruz.
Grupo Paracelsus de Estudos Homeopáticos – Instituto Mineiro de Homeopatia.
Belo Horizonte, Minas Gerais.
Agosto de 2006.
imh@imh.com.br
03133329417.